



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
Conhecimento e Inclusão Social em Educação  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E**  
**INCLUSÃO SOCIAL**

MARICELIA DA SILVA PALHARES

**ESCREVIVENTES: MEMÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORAS NEGRAS DA**  
**EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte

2023

MARICELIA DA SILVA PALHARES

**ESCREVIVENTES: MEMÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORAS NEGRAS DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carolina da Silva Caldeira.

Belo Horizonte

2023

P161e  
T

Palhares, Maricelia da Silva, 1975-

Escrevientes [manuscrito] : memórias formativas de professoras negras da educação infantil / Maricelia da Silva Palhares. -- Belo Horizonte, 2023.

91 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira.

Bibliografia: f. 76-78.

Anexos: f. 79-91.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações raciais -- Teses. 3. Educação -- Relações étnicas -- Teses. 4. Professoras -- Formação -- Teses. 5. Professores -- Formação -- Relações raciais -- Teses. 6. Professores -- Formação -- Relações étnicas -- Teses. 7. Discriminação na educação -- Teses. 8. Discriminação racial -- Teses. 9. Educação de crianças -- Teses.

I. Título. II. Caldeira, Maria Carolina da Silva, 1983-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372.110092

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

# BANCA EXAMINADORA

SEI/UFMG - 2437461 - An

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_documento...](https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_documento...)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA

MARICELIA DA SILVA PALHARES

Realizou-se, no dia 03 de julho de 2023, às 14:00 horas, em plataforma virtual, a 1512ª defesa de dissertação, intitulada *Escrevintes: Memórias formativas de professoras negras da educação infantil*, apresentada por MARICELIA DA SILVA PALHARES, número de registro 2021653190, graduada no curso de NORMAL SUPERIOR, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Silvania Sousa do Nascimento – Presidente – Co-orientadora (UFMG), Prof(a). Nilma Lino Gomes (UFMG), Prof(a). Iris Verena Oliveira (UNEB).

A comissão considerou a dissertação aprovada com destaque à articulação das questões etno-raciais e a memória de trajetórias de mulheres negras na Educação Infantil. Destaca-se também a discussão do conceito de escrevivência no campo do currículo.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 03 de julho de 2023.

Prof(a). Silvania Sousa do Nascimento ( Doutora )

Prof(a). Nilma Lino Gomes ( Doutora )

Prof(a). Iris Verena Oliveira ( Doutora )



Documento assinado eletronicamente por Iris Verena Santos de Oliveira, Usuária Externa, em 03/07/2023, às 18:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Silvania Sousa do Nascimento, Professora do Magistério Superior, em 03/07/2023, às 18:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Luiz Paulo Ribeiro, Coordenador(a) de curso de pós-graduação, em 21/09/2023, às 20:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 2437461 e o código CRC 52383F4A.

*Ei, Povoada é um nome curioso né?  
Porque a gente sempre fala de Povoada  
Em relação à Terra né?  
A Terra é povoada  
Mas, também sou terra  
A gente também é terra de povoar  
Deus te ajuda  
Deus te ajude e te livre do mal  
Te desejo tudo de bom, viu fia'? (Povoada!)  
Eu sou uma, mas não sou só, minha fia'  
Povoada  
Quem falou que eu ando só?  
Nessa terra, nesse chão de meu Deus  
Sou uma mas não sou só  
Povoada  
Quem falou que eu ando só?  
Tenho em mim mais de muitos  
Sou uma mas não sou só  
Povoada  
Quem falou que eu ando só?  
Nessa terra, nesse chão de meu Deus  
Sou uma mas não sou só  
Povoada  
Quem falou que eu ando só?  
Tenho em mim mais de muitos  
Sou uma mas não sou só  
Sou uma, mas não sou só  
Sou uma, mas não sou só  
Sou uma, mas não sou só  
Sou uma, mas não sou só  
Sou uma, mas não sou só  
Eu sou uma, mas não sou só, 'mermo!*

*Compositores: Sued Nunes*

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar por esta etapa, que mesmo com tantos percalços, concluí.

Agradeço à minha mãe, Oxum, que acalmou minhas tempestades emocionais, acolheu minhas emoções oferecendo acalanto, tranquilidade e inspiração para a realização desta pesquisa.

Agradeço a Exu por abrir meu caminho proporcionar que nas encruzilhadas da vida eu encontrasse pessoas que me incentivaram acreditando no meu potencial, não me deixando desistir.

Agradeço aos meus filhos, Diego e Maria Luiza, por estarem ao meu lado, por entenderem as minhas ausências e compreenderem todo esforço e dedicação, e transformá-los em exemplo.

Agradeço a todos os professores que contribuíram neste processo formativo, em especial às professoras Silvania de Sousa Nascimento (UFMG) e Iris Verena Oliveira (UNEB).

Agradeço à direção da EMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), campo de pesquisa que mesmo com todos os desafios diários do cotidiano escolar, proporcionou uma mediação positiva, com parceria e dedicação na execução do seu trabalho. Você foi uma grande parceira, e sem o seu apoio não seria possível a realização desta pesquisa.

## Resumo

A presente pesquisa buscou compreender, por meio de narrativas de professoras autodeclaradas negras, atuantes na Educação Infantil, suas trajetórias de vida e as contribuições que elas trazem para as suas formações docentes. O quadro teórico-metodológico foi desenvolvido a partir de escrevivência, conceito cunhado por Conceição Evaristo, e os dados da pesquisa foram coletados em ateliês biográficos de projetos de Delory-Momberger. Os relatos foram analisados dentro dos tópicos: I) Relatos da infância, II) Relatos da adolescência e III) Relatos da trajetória profissional. As narrativas das professoras possibilitaram evidenciar nas trajetórias de vida suas construções identitárias enquanto mulheres negras professoras, suas ações com relação a construção da identidade das crianças e suas práticas pedagógicas com foco em uma educação antirracista.

**Palavras chaves:** Professoras negras. Educação Infantil. Escrevivências. Educação antirracista.

## **Abstract**

The present research sought to understand, through narratives of self-declared black female teachers working in Early Childhood Education, the impacts of their life trajectories on their teaching formation. The theoretical-methodological framework was developed based on “escrevivência”, a concept coined by Conceição Evaristo, and the research data collection was done in biographical workshops using Delory-Momberger's projects. The narratives were analyzed within the following topics: I) Childhood, II) Adolescence, and III) Professional trajectory. The teachers' narratives allowed to highlight their identity constructions as black women teachers throughout their life trajectories, their actions regarding the construction of children's identities, and their pedagogical practices with a focus on anti-racist education.

**Keywords:** Black Female Teachers. Early Childhood Education. Escrevivência. Anti-racist Education



## Resumen

La presente investigación buscó comprender, a través de narrativas de profesoras autodeclaradas negras que trabajan en educación infantil, los impactos de sus trayectorias de vida en sus formaciones docentes. El marco teórico-metodológico se basó en "escrevivência", un concepto acuñado por Conceição Evaristo, y la recolección de datos se realizó en talleres biográficos utilizando los proyectos de Delory-Momberger. Las narrativas fueron analizadas en los siguientes temas: I) Infancia, II) Adolescencia y III) Trayectoria profesional. Las narrativas de las profesoras permitieron resaltar las construcciones identitarias como mujeres negras profesoras a lo largo de sus trayectorias de vida, sus acciones en lo que se refiere a la construcción de la identidad de los niños y sus prácticas pedagógicas con un enfoque en la educación antirracista.

**Palabras-clave:** Profesoras Negras, Educación Infantil, Escrevivência, Educación Antirracista.

## Lista de imagens, gráficos e quadros

Imagem 1: Foto externa de uma UMEI.....	27
Imagem 2: Biblioteca de uma UMEI.....	28
Imagem 3: Fachada do campo de pesquisa.....	31
Imagem 4: Lírio africano.....	32
Imagem 5: Tapete-persa.....	33
Imagem 6: Raquelina.....	33
Imagem 7: Coração partido.....	34
Imagem 8: Rosa-do-Deserto-de-verão.....	34
Imagem 9: Comoensia.....	35
Gráfico 1: Gráfico de autoidentificação.....	38
Quadro 1: Categorias e suas definições.....	49

## **Lista de abreviaturas e siglas**

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais  
BA - Bahia  
BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações  
COEP - Comitê de ética em Pesquisa  
COVID - (co)rona (vi)rus (d)isease  
DIRE - Diretoria Regional de Educação  
GDPRO - Gerência de desenvolvimento profissional  
DOM- Diário Oficial do Município  
EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil  
EMEF- Escola municipal de Educação Infantil  
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação  
IDPD -Inventário de desenvolvimento profissional e docente  
INOVA - Prestadora de serviços terceirizados  
PPP- Parceria público-Privado  
MGS - Minas Gerais Administração e Serviços S.A  
NERER – Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais  
RJ - Rio de Janeiro  
RMEBH - Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte  
SMED -Secretaria Municipal de Educação  
TCLE -Termo de consentimento livre e esclarecido  
UMEI-Unidade Municipal de educação Infantil  
UNEB - Universidade Estadual da Bahia  
USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....</b>	<b>12</b>
<b>ESCREVIVER DA INFÂNCIA AO MESTRADO.....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 1 - AWON ONA IBERE: CAMINHOS INICIAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>1.1 - Navegando pela literatura para encontrar onde aterrar.....</b>	<b>24</b>
<b>1.2 - Avistando o solo: A unidade escolar.....</b>	<b>27</b>
<b>1.3 - Hora de aterrar: Conhecendo o jardim flor de pele.....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO 2- EM RIOS DE ESCREVIVÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>2.1 - Velejando no ateliê.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2 - Descre/vivendo os ateliês biográficos.....</b>	<b>40</b>
2.2.1- Cenário controverso I: Percurso da minha infância.....	41
2.2.2 Cena 1: Descre/vivendo infâncias atravessadas.....	41
2.2.3 Cenário controverso 2: Minha adolescência.....	42
2.2.4 Cena II: Descre/vivendo negras adolescências.....	43
2.2.5 Cenário controverso 3: Trajetória profissional.....	44
2.2.6 Cena III: Trajetórias profissionais descre/vividas.....	44
2.2.7 Cena IV: Descre/viver, socializar e poetizar.....	46
<b>CAPÍTULO 3- “E A MINHA MENTE CONCLUI QUE EU MEREÇO SER RESPEITADA, SOU UMA MULHER DE GARRA, PRETA DE QUEBRADA”.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 Lírio africano.....</b>	<b>53</b>
<b>3.2 Tapete-persa.....</b>	<b>55</b>
<b>3.3 Raquelina.....</b>	<b>58</b>
<b>3.4 Coração partido.....</b>	<b>60</b>
<b>3.5 Rosa-do-deserto-de-verão.....</b>	<b>61</b>
<b>3.6 Camoensia.....</b>	<b>64</b>
<b>CAPÍTULO 4 - IMPRESSÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>4.1 Concluindo... Infâncias atravessadas.....</b>	<b>69</b>
<b>4.2 Adolescências invisíveis.....</b>	<b>70</b>
<b>4.3 De cuidadora à professora.....</b>	<b>71</b>
<b>CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>79</b>

## PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Meu primeiro passo nesta dissertação é registrar a necessidade de honrar um trabalho de escrevivência e ressignificar experiências de silenciamento e de desumanização por meio da escrita de si, pensando na relação entre escrita e as memórias de professoras negras da educação infantil, das quais me incluo.

Isso posto, recorro a Audre Lorde (1984/2019) e sua defesa em favor do poder de transformar contido no exercício da escrita, destacando que para nós, mulheres, e mais ainda para muitas de nós pretas, “poesia não é um luxo”. Assim, optei por escrever uma dissertação poetizada, de escrita livre, com a alma e o coração, sem temer a negativa da academia.

O contexto social atual ainda nos remete ao questionamento que, segundo Kilomba (2019, p. 27), “nossos discursos são impedidos, nossas vozes não são legitimadas, nem tampouco podemos falar com nossas vozes”. Nesse sentido, com Kilomba (2019, p. 27) entendo que “escrever, emerge como ato político [...] o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, me torno escritora e narradora da minha própria realidade, a autora e autoridade na minha própria história”. Assim, retomando bell hooks<sup>1</sup> (2013, p. 152), posso dizer que “a linguagem também é um lugar de luta”, e mais uma vez, por meio de sua apropriação, a história única que contam sobre nós “pode ser interrompida, apropriada e transformada pela prática artística e literária”.

Gloria Anzaldúa (2000 [1981]), em sua "Carta às mulheres escritoras do terceiro mundo", traz uma perspectiva que me moveu e motivou, pois, em suas palavras - e concordo com ela - o tempo todo somos deslegitimadas em nossas escritas.

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? [...] Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? [...] Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! [...] Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? [...] O homem branco diz: Talvez se rasparem o moreno de suas faces. Talvez se branquearem seus ossos. Parem de falar em línguas, parem de escrever com a mão esquerda. Não cultivem suas peles coloridas, nem suas línguas de fogo se quiserem prosperar em um mundo destro. [...] talvez se formos à universidade. Talvez se nos tornarmos

---

<sup>1</sup> bell hooks é um nome social adotado por Glória Jean Watkins para expressar e tornar visível através da literatura os pagamentos acumulados e homenagear as mulheres que vieram antes. É utilizado em minúsculo por opção da autora para enfatizar o conteúdo e não a pessoa quem escreve. Este nome é em homenagem a sua bisavó, Bell Blair Hooks.

mulheres-homens ou tão classe média quanto pudermos. Talvez se deixarmos de amar as mulheres sejamos dignas de ter alguma coisa para dizer que valha a pena. (ANZALDÚA, 2000 [1981], p. 230).

Fortalecida com as palavras de Anzaldúa (2000 [1981], p. 231-232), entendo a importância de uma escrita livre. Assim, nas linhas que seguem, por muitas vezes utilizo a primeira pessoa. Quando escrevemos, quando falamos com nossas próprias palavras, partilhamos nossas vivências singulares. O exercício da escrevivência é mostrar que nós estamos aqui! Existimos, somos muitas, diversas, e com nossas subjetividades complexas, resistimos, pois além de não existir uma escrita neutra, a dimensão da individualidade, enquanto construto social, não se separa da nossa ação e, ao mesmo tempo, a nossa individualidade se constrói a partir dessa ação. Por isso, torna-se necessário destacar que a escrita presente neste texto está acompanhada de um intenso processo de autoconhecimento, pois aqui está uma mulher negra, escritora e que, recentemente, percebeu as infinitas possibilidades de escrita, para além da esfera acadêmica, a qual sempre lhe atravessou.

Para além de lugar de fala de Ribeiro (2017, p. 90), a escrita desta dissertação visa desestabilizar a norma, mas, igualmente, é um escrito potente, construído a partir de outros referenciais e epistemologias, e visa “pensar outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante.”(RIBEIRO, 2017, p. 90). Levando isso em consideração, destaco minhas palavras no sentido de resistência em um contexto de luta, de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora. A escrevivência vem como uma forma de utilizar o poder a partir das falas, demonstrar nossas individualidades e valorizar o que trazemos em nosso íntimo.

No anexo 01 desta dissertação apresento uma carta aberta aos leitores, na qual manifesto alguns apontamentos sobre a potência e as lacunas de alguns trabalhos localizados e produzidos nacionalmente e na Universidade Federal de Minas Gerais. Meu interesse é dar visibilidade às produções por proximidade às práticas relacionadas à narrativa de professoras negras que atuam na educação infantil e pontuar as lacunas existentes nas publicações acadêmicas sobre a temática.

## ESCREVIVER DA INFÂNCIA AO MESTRADO

Início está escrita relembando minha infância, pois compreendo minha trajetória acadêmica como um fruto de incentivos e encorajamentos dados por minha mãe desde esta época. Sou filha de Zilda, uma mulher negra, nascida em uma família muito pobre da cidade de Belo Horizonte, na década de 30 do século passado. Minha mãe sempre gostou muito de estudar e, por este motivo, teve seus estudos custeados por um tio, irmão do meu avô, até a conclusão do ensino médio. Ela era a terceira filha e foi a única da família de sete irmãos que teve a oportunidade de concluir seus estudos. E este conhecimento adquirido na sua trajetória escolar desde cedo me motivou a estudar e alcançar meus objetivos. Minha mãe sempre percebeu o estudo como uma ferramenta para almejarmos melhores oportunidades em nossas vidas.

Eu não frequentei a Escola Infantil. Naquela época, anos 1970, esta escolarização das crianças era limitada nas classes populares, que era o meu caso. Nessa época apenas o meu pai, o Sr. Célio, um homem negro, motorista de taxi trabalhava lá em casa. Minha mãe ficava com a incumbência da educação dos quatro filhos e dos cuidados com a casa.

Todos os dias ela dedicava um tempinho para me ensinar as primeiras letras, a escrever o meu nome, contagem de numerais, me ensinava o que achava necessário. Minha mãe foi a minha primeira educadora. Esses ensinamentos aconteciam em casa mesmo, e foi o que proporcionou chegar na primeira série sabendo ler e escrever. Fui logo colocada na primeira sala, quanto orgulho teve minha mãe! E assim, desde então, eu me tornei o orgulho dela, sempre me destacando nas atividades escolares, dando o meu melhor aos estudos, mas nunca tendo reconhecimento das professoras. Notas boas eu sempre tive e me esforçava muito para tê-las, mas os elogios e premiações nunca vieram para mim.

Hoje entendo o porquê de tudo isso. Minha mãe me incentivava, falava que eu tinha que estudar para ser melhor, mas não me explicava o porquê. Os lugares de destaque não eram para nós, hoje entendo isso. Passei por muitos desafios na infância, na adolescência e na trajetória profissional. Passei por situações que hoje consigo perceber que era racismo, mas naquela época isso ainda era algo obscuro para mim. Nesta dissertação trago alguns *flashes* desses fatos vivenciados como disparadores de escrita que serão apresentados no capítulo II, destinado à metodologia.

Entrelaçando as minhas vivências com a história de outras mulheres negras, apresento a seguir duas cenas retiradas da dissertação defendida por Costa (2015). Nesse estudo, a autora buscou compreender como as crianças, na faixa etária de cinco a seis anos, percebem

as relações étnico-raciais por elas vivenciadas na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) de Belo Horizonte/MG.

#### Cena I

*-É porque ele é preto e eu não gosto de gente preta!* Disse Júlia.

Houve um silêncio e o professor Geraldo que estava entrando em sala questionou a menina dizendo:

*- Então você não gosta de mim?*

*Ela disse que gostava.*

Então ele concluiu:

*- Eu sou negro, então você gosta de gente preta.*

#### Cena II

A professora utiliza o livro de literatura infantil “O amigo do rei”, de Ruth Rocha (2009) para ouvir a voz das crianças sobre o pertencimento étnico-racial de outras crianças, negras e brancas. Ao descrever o menino branco, as crianças disseram que ele era loiro, com roupa, com franjinha e chapéu de bruxa. No momento de descrever o menino negro, no entanto, houve uma discussão sobre ser feio ou bonito:

*- Ele é feio. Esse é feio.* Falou Matheus.

*- Você acha ele feio?* A professora perguntou.

*- Eu acho.* Matheus reafirma.

*- Você acha o Matias feio? Por quê que o Matias é feio, Matheus?* Insistiu a professora.

*- Porque eu não gosto, ele é feio.* Disse Matheus.

*- Você não gosta?* A professora insiste.

*- Ele é feio. O cabelo dele é feio.* Matheus explicou.

*- Ele é feio, professora!* Gritou Julia.

*- É mesmo.* Falou Matheus.

*- Ele é feio sabe por que? Ele tem um cabelo horrível.* Falou Sofia.

*- Não, ele é bonito.* Afirmou Ana Clara.

*- Por que que ele é bonito, Ana Clara?* Perguntou a professora.

*- Ah, num sei.* Ela disse.

*- Eu acho ele bonito por causa do cabelo.* Falou Cauã.

*- Cabelo pintado.* Lembrou Cauã.

*- Como que esse menino é?* A professora perguntou.

*- É preto.* Disse Cauã.

*- Negro.* Falaram uns.



- *E tem cabelo amarelo*. Falaram outros.

- *E tem cabelo laranja escuro*. Completou Cauã. (COSTA, 2015,p.65)

Enquanto mulher preta, percebo no meu caminhar formativo que sempre estive na posição de provar ser intelectualmente capaz, o que, de certa forma, contribuiu muito na construção da minha identidade profissional, e para reconstruir minha identidade negra, “saber-me negra” e “torna-me negra”.

Iniciei minha carreira docente em 1996, atuando com crianças de 5 anos de idade em uma escola infantil da Arquidiocese de Belo Horizonte/MG, na qual permaneci por 4 anos. No ano 2000, iniciei meus trabalhos na rede estadual de ensino da capital como professora alfabetizadora na modalidade de Educação Especial, lecionando em classes de surdos e na alfabetização de jovens na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE-BH) e na Escola Estadual Francisco Salles.

No percurso deste rio que chamamos de vida, me mudei para o estado de Rio de Janeiro e lá assumi a coordenação pedagógica de um Centro Municipal de Educação Infantil, na cidade de Araruama, região dos Lagos-RJ. Considero que esse período de minha trajetória profissional foram as raízes da problemática que descrevo neste trabalho. No decorrer do meu exercício profissional nessa instituição, algumas questões ficaram latentes, a saber: As crianças dessa escola são quase na totalidade negras, e por qual motivo, todos os desenhos da escola representam crianças brancas, loiras e de olhos claros? Na biblioteca quase não temos nenhum livro que retrate positivamente as crianças negras. Como essas crianças têm lidado com essas questões? A maioria das professoras são negras, como elas têm lidado com as questões étnico-raciais em sala de aula? Todos esses questionamentos vieram se entroncando e me nutriram com a seiva do conhecimento construído nas formações continuadas – pós-graduações lato sensu- às quais busquei.

Desde a promulgação da lei 10.639, em 2003, fui percebendo a demanda constante de formação e atualização por professores/as, bem como a falta de materiais que auxiliasse na efetividade da diversidade étnico-racial no contexto da sala de aula, quando se tratava da educação infantil percebo que uma incipiência ainda maior.

Retornando para Belo Horizonte, em 2007 fui aprovada em um concurso público, e dois anos depois em outro na mesma rede e no mesmo cargo. Em minha trajetória profissional fui alcançando novos voos, até chegar à posição que ocupo hoje, em uma diretoria regional de educação, atuando no acompanhamento pedagógico e monitoramento de algumas Escolas Municipais de Educação (EMEI's), Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF's), como integrante da coordenação de núcleo de estudos das Relações étnico-raciais dessa

mesma regional e também como integrante da coordenação ampliada dos núcleos de estudos das relações étnico-raciais - NERER<sup>2</sup> da cidade de Belo Horizonte, onde realizo proposições e ações de formação continuada em serviços como encontros, oficinas, webnários e cursos presenciais e remotos .

É justamente nesse núcleo que meus questionamentos iniciais já mencionados se ramificam e tomaram força, e fomentaram meu desejo de compreender os processos educativos ocasionados pelos encontros de formação continuada em serviço sobre as relações étnico-raciais nas salas de aula da educação infantil. E assim me preparei para entrar no mestrado, pois em alguns momentos nas formações em serviços que participei, tive pistas de que as histórias de vida e formação de mulheres negras professoras da educação infantil estavam de certa forma alinhadas com suas práticas educativas antirracistas.

Adentrar no mestrado já era algo que eu almejava fazer. Sonho este que sempre foi adiado por várias questões pessoais e familiares. Como a maioria das mulheres deste país, não poderia me direcionar a este estudo por ter que trabalhar em três turnos, e me dedicar aos cuidados de mãe doente até a sua morte. Após a morte de minha amada mãe, pensei em me dedicar novamente aos meus estudos, mas por ironia do destino o sonho teve que ser adiado mais uma vez. Agora era para cuidar de meu pai que estava acamado. Em 2018 me tornei órfã, momento em que percebi ser a hora de olhar para mim. Hora de me cuidar, de me dedicar aos meus estudos, algo que sempre gostei muito de fazer e sempre achei necessário para meu aperfeiçoamento profissional. Me inscrevi no mestrado profissional na Universidade Federal de Minas Gerais, passei na primeira etapa e infelizmente fui reprovada na segunda. Fiquei muito decepcionada, não entendia o porquê da reprovação. Procurei saber da equipe organizadora do processo seletivo, mas não tive sucesso. Queria saber o que havia de errado no meu projeto de pesquisa para não cometer o mesmo erro novamente, afinal, desistir de adentrar no mestrado não estava nos meus planos. Após conversas com alguns mestrandos, entendi que a minha reprovação estava relacionada à temática de pesquisa. O tema, naquela época, já era relacionado a formação de professoras negras e a linha de pesquisa que eu escolhi não estava desenvolvendo qualquer pesquisa nesta temática. Desde aquele momento ficou muito nítido para mim que este tema era algo necessário para ser pesquisado, considerando a escassez de reflexões sobre as professoras negras. Na segunda tentativa de entrada no mestrado, fui contemplada com imensa alegria pela aprovação. Afinal eu sou a única de minha família que conseguiu concluir o curso superior. Estar no mestrado então era

---

2 NERER- Núcleo de estudos das relações étnicas-raciais

algo excepcional numa família pobre, onde uma mulher negra professora, arrimo de família, oriunda de escola pública, ser classificada em primeiro lugar num mestrado acadêmico em uma universidade federal e em segundo lugar no mestrado profissional, ou seja, duas aprovações em programas diferentes, é muita satisfação. Meus pais, se estivessem vivos, estariam muito orgulhosos de mim!

Mas como toda trajetória de uma mulher negra que almeja a vida acadêmica, esse processo não foi fácil. A necessidade constante de provar minha capacidade e potencialidade era presente, tornando um percurso doloroso para me manter na pós-graduação atravessado pela dororidade<sup>3</sup>, conceito muito bem descrito por Vilma Piedade (2019). Foi a dororidade que me nutriu para seguir nesse percurso, pulmões plenos e uma força no olhar entre mulheres negras, pois existe dor que só as mulheres negras reconhecem. Encontrei forças com muitas mulheres negras de um grupo de pesquisa que estuda escrevivência no estado da Bahia<sup>4</sup>. A distância não foi problema para que a ajuda chegasse, a pandemia da Covid 19<sup>5</sup> nos mostrou possibilidades de formações, aprendizagens não utilizadas antes, diferentes das que estávamos acostumados a ter. Através dos encontros virtuais, pude me aproximar de pessoas de outros estados, que pesquisam temas semelhantes ao escolhido por mim e isso trouxe grandes contribuições para esta pesquisa.

Nesse percurso, agora menos doloroso, encontrei minha co-orientadora Sylvania, que em momento algum duvidou da minha capacidade acadêmica. Em nossas conversas de orientação saía certa de minha aptidão como pesquisadora. Sua presença e sororidade<sup>6</sup> me fortaleceram. Mais do que nunca, tive a certeza de que escrever é uma forma potente de metodologia de pesquisa que conclama possibilidades de produções acadêmicas autônomas aos referenciais da ciência hegemônica. Para se descolonizar a educação devemos ouvir aquelas que fazem o currículo em ação, dentro das salas de aula de educação infantil numa perspectiva de educação antirracista e ver/fazer formas diferentes de percorrer o caminho com escritas decoloniais.

Por acreditar que os saberes e experiências dessas mulheres devem ser investigados, (re)conhecidos e integrados aos currículos escolares e atividades pedagógicas, tomei a escrevivência como inspiração teórico-metodológica em que a realidade vivida, experienciada

---

3 Dororidade: Conceito feminista cunhado por Vilma Piedade (2019) que vem de dor, sofrimento, que marcam as experiências de mulheres pretas em afrodiáspora.

4 Grupo de pesquisa Currículo, Escrevivências e Diferença/UNEB-BA.

5 Pandemia de COVID19- Também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso da doença por coronavírus 2019 (COVID-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2).

6 Sororidade: Conceito feminista cunhado por Vilma Piedade que diz do lugar de fala, do lugar de pertencimento.

e refletida, é narrada pelas colaboradoras e comunicadas pelas escrevivências, entrecruzando movimentos de vida, docência e pesquisa. Nós somos os resultados de nossas histórias, de nossos percursos, pois isso as escrevivências são tão essenciais, remontam a vários aspectos das relações interseccionais de raça e gênero e tomam corpo nas formas de ser e de viver ancoradas em nossas ancestralidades, nossas formas de ser e viver.

Minhas escrevivências se inter cruzam com as co-escritoras dessa dissertação, nunca foram objetos de pesquisa, escrevem comigo as linhas que seguem, na certeza que contribuimos com um campo de pesquisa e com a educação desse solo afro-brasileiro.

## INTRODUÇÃO

Essa dissertação tem por objetivo descrever e analisar as reminiscências de formação de mulheres negras, professoras atuantes da educação infantil. Minha intencionalidade foi compreender, a partir de escritos autobiográficos, a trajetória de mulheres negras professoras que atuam na educação infantil, pontuadas nas lembranças de suas infâncias e adolescências de pertencimento étnico-racial e de formação docente.

Esta pesquisa insere-se nessa busca incessante por registrar outras vozes, vozes estas sempre presentes, mas pouco valorizadas nos estudos acerca da profissão docente, com a intenção de alcançar as histórias de vida de professoras que atuam na educação infantil e os impactos que estas histórias podem trazer para a práxis pedagógica. Trago a história delas entrelaçada com a minha história em forma de escrituras.

Apresento como co-escritoras dessa pesquisa seis mulheres negras professoras, que estão aterradas no coração de terras mineiras, mais especificamente na região do Barreiro, zona oeste de Belo Horizonte. Em suas escrituras, essas mulheres mostraram as dificuldades que encontram para obter ascensão social e respeito no exercício do magistério. Conhecemos as pressões a que foram submetidas e como, de certa forma, estas conseguiram construir novos significados às suas histórias de vida. Num esforço contínuo, elas caminham e se fortalecem marcando suas vidas com histórias de sobrevivência e realizando práticas antirracistas de formas viscerais, pois são assuntos que lhes tocam em profundidade.

Se desejamos contar essas histórias respeitando suas subjetividades, é preciso olhar desde dentro, como nos ensina Santos (2000). É preciso não olhar estas realidades com definições pré-concebidas sobre educação, formação e valorização profissional. Assim, essa pesquisa foi realizada em uma escola da qual já possuí vínculo, ou seja, escola onde já fui professora e está localizada no bairro em que nasci e cresci em Belo Horizonte.

Essas questões contribuíram para que eu chegasse na escola com meu afeto ancestral e as escrituras construídas em minha trajetória, com a certeza que de fato elas poderiam escrever o viver com alguém que já era do convívio delas. Quando cheguei na unidade escolar fui designada a ficar na biblioteca, lugar onde circulavam todas as professoras da escola. Ora com as turmas propagando o seu trabalho, ora como lugar de desabafo. Em seus horários de planejamento, a biblioteca era o lugar de falar um pouco de si, narrar fatos cotidianos felizes, de aflição, de medo, enfim, lugar onde eu as ouvia.

Nesse período pude compartilhar, ouvir e experienciar as alegrias, angústias, sofrimentos, e dores cotidianas do nosso fazer pedagógico. Nestes encontros pude perceber o

quanto as vozes das professoras são silenciadas. Elas encontravam no ambiente da biblioteca o lugar de falar de si. Estas narrativas espontâneas das professoras percebidas como sujeitas de pesquisa são as escrevivências que trago como recursos teórico-metodológico. Evaristo (2020) diz que “o movimento da escrita, acho que o movimento da própria vida é um movimento que você faz para vencer a dor”.

Perguntaram-me algumas vezes sobre as professoras brancas encontradas na pesquisa e não estudadas com mais afinco no decorrer das investigações. Deixo claro que essas professoras participaram nos ateliês biográficos, de forma confortável e respeitosa, pois minha intenção como pesquisadora foi não causar nenhum tipo de constrangimento ou atritos. Essas professoras, desde o início da pesquisa, foram informadas que meu foco de dissertação se daria com as professoras negras. Mas, que suas vivências são importantes e serão utilizadas para estudos posteriores, sobre divergência interseccionais na formação de professoras atuantes na educação infantil.

São bastante pertinentes os trabalhos que realizam quadros comparativos entre a situação das mulheres brancas e negras nas mais diversas áreas de trabalho e sociedade, bem como a discussão intensa sobre a branquitude que vem sendo cada vez mais debatida por diversos/as estudiosos/as da área como bell hooks (2013) porém, desde o início, tive a certeza de que esse não era o caminho que iria seguir nesta escrita. As comparações entre grupos podem ser bastante perigosas quando o que se quer evidenciar são as dimensões subjetivas, as pessoas envolvidas e suas singularidades, já que em certo sentido, a ideia de comparação remete às ideias de hierarquização e classificação.

Me apropriando de referenciais metodológicos sobre feitura de pesquisas e tendo em vista os objetivos desta pesquisa, utilizei como técnica para proporcionar um espaço potencializador da reflexão e desencadeador de textos de escrevivências o ateliê biográfico de projetos de Delory-Momberger (2006). A especificidade dos Ateliês pode ser compreendida a partir do objetivo explícito do pesquisador, que ao decidir utilizá-lo em uma investigação com professoras tem por meta propiciar espaços que possam colocá-las em contato consciente com suas histórias de vida, visando a autoformação, ou seja, o “agir sobre si mesmo e sobre o seu ambiente, provendo os meios para reescrever sua história de acordo com o sentido e a finalidade de um projeto” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 361).

Aos ateliês ocorrem em cinco encontros respeitando as regras de segurança propostas por Delory-Momberger (2006), que insiste em deixar claro que não se trata de um grupo “terapêutico”, e que os participantes precisam ficar cientes de que, embora não se possa fugir das “emoções que acompanham certas atividades autobiográficas”, estas não necessariamente

teriam que “desequilibrar” o grupo e o fazer “sair de seu quadro de funcionamento e de sua finalidade” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366). Fizemos um jardim flor da pele (DJONGA; SIDOKA, 2020), por isso as co-escritoras desse estudo são identificadas como nome de plantas de origem africana<sup>7</sup>, demonstrando que viemos de longe, mas estamos assentadas no solo afro-brasileiro.

Trago a escrevivência (EVARISTO, 2007), como é uma escolha política pelo diálogo, pela escuta e pelo protagonismo de mulheres negras na educação e que consiste na insurgente ação de trazer à tona memórias de formação e suas reminiscências sobre maneiras de ver e ser na docência. Conceição Evaristo (2007), afirma “que a escrevivência não pode ser lida como uma atividade recreativa para os da casa-grande, mas sim para acordá-los de seu sono injusto” (EVARISTO, 2007,p.2). Isto imbrica a matriz de sua produção na base da história que se impõe, ou ainda, é imposta como oficial, mas, por outro lado, se mostra inacabada, manipulada e excludente. Assim, assume que sua literatura tem também como objetivo, se não o mais importante, dissecar o fio colonial que ainda reverbera em muitas práticas sociais, sobretudo no que se refere ao processo de escrita, publicação e veiculação de pessoas negras ou pertencentes a grupos sociais de caráter minoritário.

Nas trilhas deste caminho percorro o primeiro capítulo, trilhando por questões relacionadas às nuances de formação de professores e as relações étnico-raciais adubando o *Jardim flor de pele* para que as professoras protagonistas possam desabrochar em suas narrativas ao falar de si, e sobre suas memórias, utilizando das narrativas autobiográficas. Contextualizo o solo de pesquisa por meio de uma retrospectiva histórica da inserção das UMEI’s na cidade de Belo Horizonte e também escrevivo o percurso da minha chegada nesta instituição escolar por intermédio da enunciação de fatos que vivenciei ao longo do ano de 2016.

A estrutura desta dissertação apresenta os elementos pré-textuais *Uma nota de escurecimento* e *As minhas memórias da infância ao Mestrado*. Logo em seguida trago a introdução que é complementada no primeiro capítulo com as contribuições da escrevivência para pensar a formação de professoras negras e os apontamentos sobre a origem da escrita autobiográfica e apresento a unidade escolar e a descrição das mulheres negras professoras. Utilizo a nomenclatura de mulheres negras professoras, por considerar que as co-escritoras são mulheres que nasceram negras, se autodeclaram negras e são professoras. Por uma afirmação política, delibero necessário reforçar o gênero feminino dessas professoras.

---

7 Na sessão intitulada “conhecendo o jardim flor da pele” descrevo com ênfase sobre a escolha das plantas e perfil das professoras.

No segundo capítulo descrevo/vivo os ateliês biográficos em um entrelace de histórias e memórias minhas e das co-escritoras deste trabalho. No terceiro capítulo, descrevo os relatos produzidos, dividindo em subtítulos os ateliês conforme o seu desenvolvimento. No quarto capítulo exponho as impressões finais da pesquisa e no quinto capítulo as considerações finais. Finalizo com as referências bibliográficas e anexos.

Todas as co-escritoras deste trabalho, através do TCLE, autorizaram a divulgação de suas identidades na pesquisa, porém por seus escritos serem narrativas pessoais, decidi por manter o anonimato das mesmas. Para tal identificação delas na pesquisa, utilizarei como codinome o nome de flores nativas da África. A utilização do nome das flores se justifica pelo fato do continente africano possuir um dos mais ricos ecossistemas de biodiversidade do planeta, suas flores em sua maioria são resistentes, e possuem uma beleza exuberante. Todas essas características apresentadas nas flores se assemelham muito com as características das mulheres negras professoras entrevistadas. São mulheres que trazem em suas experiências uma riqueza de elementos como a das flores de origem africana.

Utilizar a primeira pessoa na escrita desta dissertação vem de encontro ao recurso metodológico utilizado, *escrivência*. Pois os questionamentos iniciais que me impulsionam para a realização deste trabalho, entrelaçam com angústias e sofrimentos demonstrados coletivamente por mulheres negras nesta sociedade discriminatória e preconceituosa em que vivemos. Utilizo alguns trechos narrativos/biográficos neste trabalho, e para diferenciá-los da minha escrita e das citações, organizo-os com um recuo simples de 1 cm à esquerda, espaçamento simples e em *itálico*.



## **CAPÍTULO 1- AWON ONA IBERE<sup>8</sup>: CAMINHOS INICIAIS**

“Você não sabe o quanto eu caminhei... pra chegar até aqui” (Cidade Negra, 1998) e escrever esse estudo, com professoras negras na perspectiva epistêmico-metodológica da escrevivência, foi um percurso de milhas e milhas, de dores e suspiros. Assim, nesse primeiro capítulo apresento as questões iniciais da pesquisa, como as constatações da revisão de literatura, apresentação da unidade escolar e apresentação das professoras participantes do estudo.

### **1.1 Navegando pela literatura para encontrar onde aterrizar**

Você escuta o vazio? Você consegue ouvir o silêncio ou será o silenciamento? Ambos podem nos dizer muito sobre o que ouvimos e sobre o que queremos ouvir ou aprendemos a não escutar. A busca por referenciais históricos sobre as mulheres negras no exercício da docência no Brasil é repleta de lacunas, buracos, fendas e silêncio, e isso nos diz muito.

Conforme ressalta Gomes, Carneiro e Madeira (2018) a educação brasileira se inicia com a exclusão, reproduzindo a perspectiva na qual as produções culturais de mulheres e homens negros foram expurgados dos livros de história. De certa forma, as mulheres negras presam a uma situação de subalterna devido ao contexto escravagista, ficaram à margem do processo escolarização. Os autores destacam que no período escravocrata:

as mulheres negras foram designadas ao lugar social do servilismo, considerado um atributo natural, mascarando sua real função social a exploração de sua mão de obra nas grandes fazendas latifundiárias, que forneceram as bases para a acumulação de capital e o desenvolvimento do sistema capitalista. (GOMES; CARNEIRO; MADEIRA, 2018, p. 7)

A história da inserção da mulher negra na sociedade brasileira deu-se de fato nas atividades domésticas. No período escravocrata, elas exerciam a função de cozinheiras, costureiras, arrumadeiras, lavadeiras, passadeiras e amas-de-leite. Executavam as tarefas que, de certa forma, necessitavam de uma especialização, mas não eram consideradas economicamente produtivas. As amas-de-leite chegavam a permanecer nas casas como “mãe-preta”, tinham uma relação próxima com a família, sua capacidade de amamentar era enaltecida e também era responsável pelo cuidado e educação da criança (DIAS, 1984).

---

8 Awon ona ibere: Expressão de origem Yurubá que significa caminhos iniciais

Esta realidade de exploração das mulheres negras permaneceu por décadas, mesmo após o período abolicionista, elas continuaram sendo consideradas pessoas não produtoras de saberes. Havia uma concepção de que as mulheres negras deveriam exercer apenas serviços de servidão.

O ingresso das mulheres negras na carreira docente se dá tão somente a partir da década de 1960, com a ampliação do magistério (SANTOS, 2000). Ao ocuparem esse espaço, começam a sair da condição de não produtoras de saber, pois o racismo estrutural sempre atingiu as condições econômicas e de formação intelectual da população negra, desqualificando-a integralmente (SANTOS, 2000).

De mãe-preta a professoras, as mulheres negras passaram por opressões interseccionais, conceito cunhado pela Kimberlé Williams Crenshaw em 1980, que dá ênfase a uma política feminista promovida por mulheres negras que ocorria pelo menos desde a chamada primeira onda do feminismo, uma política de atravessamentos das opressões de gênero, raça, classe e outros eixos formadores da identidade. Suas capacidades profissionais também se mesclam de forma a produzir uma docência inscrita no e a partir de corpos que transgridem, paulatinamente, a “zona do não ser” (FANON, 2008).

Essa inferiorização da mulher negra na educação ainda imprime marcas expressivas em diversos microcosmos sociais. Com o intuito de fazer essa investigação, comecei por uma revisão de literatura realizada de agosto de 2022 a janeiro de 2023, buscando trabalho de teses e dissertações sobre narrativas de professoras que atuam na Educação Infantil. Mesmo que parcial e incompleto, o levantamento bibliográfico das teses e dissertações realizado aponta o crescimento da temática na área de conhecimento de Ciências Humanas e vem se constituindo como um lugar de significados, um modo de percepção de educação e de experiências de formação de trajetórias profissionais, com características específicas de produção de sentidos e história.

Optei por não analisar ensaios teóricos ou revisões de literatura, pois meu interesse é descrever e compreender estudos nos quais as professoras tenham suas questões estudadas, contudo, olhando para o campo das pesquisas educacionais sobre a educação infantil poucos trabalhos, tem por objetivo ecoar a voz de mulheres negras<sup>9</sup>.

Diante da busca, foi possível escutar uma face do silêncio, ao constatar que existe uma redução do número de estudos sobre a educação infantil quando os marcadores de raça e gênero – mulher negra, professora negra - são adicionados. Sabendo que o número de

---

9 Os dados explorados são apresentados no anexo 01 deste estudo, optei por não apresentar no texto da dissertação para não quebrar o fluxo de leitura e o estilo de escrita adotado.

mulheres negras é consideravelmente maior na Educação Infantil do que em outros níveis de ensino (ROSEMBERG; MADSEN, 2011), afirmação também constatada na pesquisa realizada pela Prefeitura da cidade de Belo Horizonte<sup>10</sup>, meu questionamento é: por que temos menos produções acadêmicas sobre estas mulheres negras do que outras? Quais são os interesses em jogo para que os estudos sobre mulher negra professora encontrem menor espaço em locais onde efetivamente estamos em maior número? De algum modo, falar sobre a mulher negra professora de turma de Educação Infantil pode ser um tema escasso em estudos acadêmicos, contudo, como descrevi de maneira breve na nota de rodapé, este lugar de professora atuante na Educação Infantil não é ocupado por uma minoria de professoras negras. E sim o contrário, nesta modalidade de ensino elas estão em maior número na rede de ensino pesquisada.

Percebemos a incipiência de trabalhos que dialogam com nossa proposta de pesquisa. Após releitura e fichamento, apenas quatro estudos arregimentavam professoras negras na educação infantil, a saber: Oliveira (2009), Nunes (2012), Santos (2019), Silva (2020). Todas as dissertações abordam aspectos importantes com trajetórias profissionais de professoras negras e o desenvolver práticas antirracistas e decoloniais e divulgar estas práticas em diversas mídias para que este tipo de ação seja propagado para as demais professoras que se interessarem pelo tema, mas não abordam diretamente a discussão que desejo aqui introduzir, ou seja, a autobiografia de professoras negras de Educação Infantil que atuam em escolas de educação infantil, suas trajetórias profissionais, memórias de formação e relatos de vida. Essa investigação com teses e dissertações me ajuda a compreender que precisamos com urgência registrar as histórias de mulheres negras a partir de suas próprias falas e registros, não com intencionalidade de colocá-las em análise, mas de que suas próprias histórias fossem vistas e minha função como pesquisadora é de apenas descrever e alinhar as convergências interseccionais que aparecerem.

A meu ver, urge a intensificação e o aprofundamento sobre estes temas relacionados a professoras negras que atuam na educação infantil, que se encontram na base da compreensão de quem são as pessoas que fazem a educação neste país. Precisamos nomeá-las, conhecê-las, ouvi-las, buscando encontrar os modos pelos quais poderemos constituir um campo de pesquisa fértil, respeitando as singularidades dos grupos, trazendo-os para dentro do debate

---

10 De acordo com Gerência de Desenvolvimento profissional (GDPRO), das 5343 professoras de Educação Infantil que responderam ao inventário de desenvolvimento profissional docente (IDPD), 3183 se auto identificaram como negras (pretas N= 2401; pardas N=782), o que representa 59% do total de professoras atuantes na Educação Infantil. Vale ressaltar que este inventário foi respondido de forma voluntária pelos profissionais da educação.

educacional, com suas experiências de vida, de profissão, suas impressões sobre o fazer pedagógico, com suas propostas de mudança. Sem esta escuta sensível, é provável que continuemos – pesquisadores/as, instituições de educação e pesquisa – distantes do cotidiano da escola e das práticas que envolvem as professoras.

## **1.2 - Avistando solo: A unidade escolar**

Em 2002, o solo belorizontino foi agraciado com a implementação das primeiras unidades escolares de educação infantil. Projeto arquitetônico inovador que foi desenvolvido especificamente para proporcionar o desenvolvimento integral da criança. Os espaços internos e externos da instituição foram pensados de forma a viabilizar a livre circulação das crianças em suas dependências com/ou sem a supervisão de um adulto. Portanto as bancadas as dimensões das estruturas são pequenas, as janelas são na altura dos olhos das crianças, mobiliário adequado, espaços de recreação e biblioteca que a própria equipe gestora da instituição criou/cria para atender as necessidades educativas na criança.

**Imagem 1: Foto externa de uma UMEI**



**Fonte: Google.com**

**Imagem 2: Biblioteca de uma UMEI**



**Fonte: Google.com**

A UMEI onde foi realizado este estudo está localizada em uma região proletária e industrial da cidade de Belo Horizonte. Teve o início do seu funcionamento em julho de 2015, época em que as UMEI's ainda não possuíam independência financeira, motivo pelo qual as vinculavam a uma escola pólo de Ensino Fundamental. Esta vinculação consta na publicação no DOM do dia 31/03/2015, Portaria SMED nº 56/2015.

O prefeito Alexandre Kalil, publicou em 18 de setembro de 2018 a Lei Municipal nº 11.132 no Diário Oficial do município que estabelece “a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil - UMEI's, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEI's” (DOM, 19 set 2018). A partir da data de publicação desta lei, foi criada uma portaria que estabelece a autonomia administrativa e financeira dessas instituições. As EMEI's passaram também a ter os cargos de diretores, vice-diretores e coordenadores gerais.

A EMEI/campo de pesquisa possui no seu quadro de funcionários 1 diretora, 3 coordenações, sendo 1 coordenadora geral e 2 coordenadoras de turno e 32 professoras; todas concursadas pela Prefeitura de Belo Horizonte. A MGS (Minas Gerais Administração e Serviços S.A) disponibiliza para prestar serviço na EMEI 9 auxiliares de apoio ao educando, 5 cantineiras e 2 porteiros, sendo um do sexo masculino e outro de sexo feminino. A INOVA-BH disponibiliza para a instituição 4 auxiliares de serviços gerais que atuam na limpeza do local. A unidade faz o atendimento a 110 crianças organizadas em horário integral e parcial. Porém sua capacidade total de atendimento é de 28 crianças em período integral e 380 em período parcial.

A escola atende a comunidade nos períodos da manhã e tarde, e a organização do trabalho dos professores acontece conforme a orientação estabelecida pela Secretaria

Municipal de Educação, onde o/a professor/a atua dois tempos de uma hora e meia com os estudantes e reserva um tempo de uma hora e meia diária para o seu planejamento de atividades. Com esta organização para atender uma turma é necessária a presença de dois professores: um professor regente (que fica dois tempos) e um professor de apoio (que fica no tempo de planejamento do regente). Cada professor de apoio atende a duas turmas.

Esta EMEI tem uma característica diferenciada e específica do local/bairro onde ela está inserida. Em depoimento, a direção da instituição nos esclarece em seu relato esta especificidade: *“O bairro possui poucas crianças tendo sua comunidade composta por pessoas em sua maioria idosas. É interessante porque temos um quantitativo muito grande de turmas de horário integral de crianças maiores entre 4 e 5 anos”*.(Registro oral, diretora da EMEI, professora parda, 2022, fonte: autora)

O trecho acima evidencia a diferenciação da EMEI/campo das demais EMEI's do município de Belo Horizonte, pois na maioria das vezes o atendimento em horário integral tem uma demanda maior para crianças de 0 a 3 anos. Esta composição do bairro que tem em sua maioria pessoas idosas salienta o envolvimento afetivo estabelecido entre netos/avós com o querer cuidar e estar presente nos primeiros anos de vida das crianças, dispensando assim os cuidados de uma instituição escolar para este momento.

*“Quando os netos estão menores os avós querem curtir, ficam com eles para os filhos trabalhar, quando eles crescem e começam a dar trabalho eles pedem aos filhos que coloquem na escola, porque devido a idade avançada não dão mais conta de olhar”* (Registro oral, diretora da EMEI, professora parda, 2022. Fonte: autora)

Outra especificidade desta instituição é que a maioria das crianças atendidas são de bairros vizinhos. Por estar localizada em uma região de “corredor” tendo em seu entorno o anel rodoviário, supõe-se que isso pode ser um dos fatores que evidenciam esta questão. O número de crianças que vão para a escola de transporte escolar é muito grande. A direção afirma que: *“A maioria dos alunos vêm de van, pois são de bairros vizinhos, tenho van aqui que atende até 30 alunos”*. (Registro oral, diretora da EMEI, professora parda, 2022. Fonte: autora)

E mesmo a EMEI estando em um bairro onde não possui muitas crianças em idade de atendimento, tem um número significativo de estudantes, como reafirma novamente a direção:

*“Outra coisa que a gente vive, são pais retirando os filhos de outras instituições que têm atendimento parcial para colocar aqui. Quando eles*

*ficam sabendo que abriu turma de horário integral, logo dão um jeito de trazer os filhos pra cá. Eles precisam trabalhar e às vezes na EMEI do bairro que moram o atendimento para aquela idade é apenas em horário parcial.” (Registro oral, diretora da EMEI, professora parda, 2022. Fonte: autora)*

Este relato da direção nos mostra a multiplicidades de localidades diferentes que a EMEI atende, e conseqüentemente demonstra a diversidade existente entre as crianças atendidas pelas professoras negras que atuam nesta instituição. Crianças oriundas de diversos bairros, classes sociais, religiões, costumes e culturas.

A instituição apresenta como missão garantir o desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico, emocional e social, possibilitando vivências e experiências que contribuam para a formação do cidadão. A visão da escola leva os mesmos aspectos para uma formação geral com pleno direito ao exercício da cidadania. A proposta pedagógica está pautada em desenvolver plenamente a criança por meio do educar, do cuidar e do brincar, respeitando-a como ser único e levando em conta suas capacidades e habilidades.

No projeto político pedagógico na instituição temos os seguintes objetivos:

- contribuir com a formação integral da criança;
  - compreender a criança como indivíduo único, respeitando suas especificidades;
  - entender a criança como sujeito da sua própria história;
  - contribuir para o envolvimento e a participação efetiva das famílias no processo escolar;
  - propiciar situações diferenciadas que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento;
  - mediar as interações das crianças com os colegas e com o ambiente escolar.
- (Dados retirados do PPP - Projeto Político Pedagógico - da instituição em 23/11/2022)

Algo que me chamou a atenção nos objetivos pré-definidos pela escola em seu projeto político pedagógico é que todos eles estão voltados para a criança e para as famílias. Não tem nenhum direcionado para a formação continuada dos professores. Este dado vem de encontro à percepção inicial sobre a atuação das professoras na instituição. Percebe-se que no contexto escolar, a formação continuada de professores parece ser negligenciada, porque a proposta de trabalho foca de maneira unilateral as crianças. Toda proposta de trabalho está totalmente voltada para que as crianças sejam os atores do processo educativo.

Vislumbro a necessidade das crianças serem atuantes neste processo, mas considero que para o trabalho pedagógico ter êxito em sua execução, deve-se haver atuação das crianças/professoras/família. Pois todos os envolvidos neste processo educacional devem estar

em constante interlocução/atuação. Neste dinamismo que a escola estabelece, o papel ativo das professoras como parte deste processo, deve-se estar também vinculado às suas narrativas que perpassam pelo seu processo de formação e trazem reflexo em suas práticas educativas.

**Imagem 3: fachada da unidade escolar**



**Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora**

### **1.3 Hora de aterrar: conhecendo o jardim flor de pele**

Para fazer a apresentação das co-escritoras, as mulheres negras professoras que colaboraram para que esta pesquisa fosse desenvolvida, optei em trazer algo que pudesse descrever um pouco de suas características, mas de uma forma que não revelasse suas identidades. Apesar delas, em sua totalidade, terem consentido no TCLE a divulgação das mesmas, manter o anonimato das identidades das professoras foi uma decisão minha, por perceber nas narrativas aspectos íntimos e particulares sendo expressados algo que se assemelhasse com estas mulheres, não foi algo difícil, pois o continente africano nos oferece em seu ecossistema uma amplitude de seres que se assemelham a nós, pessoas negras, principalmente nós negras retintas que temos em nossa caminhada, desde os tempos da escravidão, características e marcas deixadas de lutas e resistência para sobreviver.

Aterrando neste jardim onde desabrocham sementes robustas que geram plantas vistosas, encontramos flores exuberantes que justificam a escolha de utilizar o nome de flores



originárias do continente africano para nomear as mulheres negras professoras co-escritoras da pesquisa. Naquelas savanas, florestas e estepes secas vão dar lugar a graciosidade de flores que vislumbram este trabalho.

As apresentações das professoras não seguem uma linearidade, nem uma homogeneidade na descrição, uma vez que utilizei a apresentação feita por elas, foi a forma como elas mesmas se apresentaram para esta pesquisa. E como o objetivo é dar vozes a essas professoras, utilizar as suas falas, a maneira como elas se apresentam neste trabalho é uma forma de valorizar as individualidades de cada uma delas.

#### Imagem 4: Lírio africano



Fonte: produzido pela autora

### Imagem 5: Tapete-persa



Fonte: produzido pela autora

### Imagem 6: Raquelina



Fonte: produzido pela autora

### Imagem 7: Coração Partido

#### *Coração Partido*

*Professora negra, que sempre foi atrás dos seus objetivos, mesmo com as dificuldades que enfrentou. Ingressou no magistério com 45 anos. Possui uma simetria diferenciada na espécie.*

*Tal simetria agrega valor único à planta como o valor único expressado pela docente nas suas relações com as crianças e com as colegas de trabalho. A disposição em pares das folhas que lembram um coração partido se assemelham também ao sentimento expressado nas narrativas carregadas de muito desagrado. É uma espécie de grande valor ornamental tal qual valiosidade pedagógica expressada do seu trabalho desenvolvido com tanto afinho.*



Fonte: produzido pela autora

### Imagem 8: Rosa-do-deserto-de-verão

#### *Rosa-do-Deserto-de-verão*

*Professora com um padrão de crescimento profissional extraordinário, mas que foi por diversas vezes desconsiderado pelo seu tom de pele. Flexível com ramos mais frágeis e caídos mas alguns apresentam crescimento vertical, bem eretos.*

*As raízes inchadas guardam toda sabedoria adquirida ao longo da vida, apesar de não ter reconhecimento de algumas pessoas racistas que cruzaram o seu caminho. Floresce no verão e no outono, embora alguns exemplares floresçam praticamente o ano todo.*



Fonte: produzido pela autora

## Imagem 9: Camoensia

---

### *Camoensia*

*A camoensia é uma trepadeira vigorosa e ramificada, características também presentes no trabalho desta jovem professora que se destaca em seu fazer pedagógico sempre executado com excelência, amor e afeto com as crianças. Apesar de sua grande timidez, vergonha e introspecção, executa as aprendizagens adquiridas ao longo de sua formação sempre buscando novos conhecimentos. Vem de uma família humilde, mas que moveu céus e terras para que ela estudasse, formasse em Pedagogia e se tornasse professora.*



---

**Fonte: produzido pela autora**

## CAPÍTULO 2 – EM RIOS DE ESCRIVIVÊNCIAS

*“A Escrivivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre.*

*Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por uma coletividade”.*

*(Conceição Evaristo, 2020 p.38)*

Ao refletir sobre estes atravessamentos de coletividade vividos por mulheres negras registrado por Evaristo (2020) percebo que todos os relatos que elas trazem e que colocarei na íntegra neste capítulo são elementos que nos movem a re/pensar sobre suas trajetórias. Pensei em uma maneira de velejar em uma nova coletividade formada de professoras negras por este rio metodológico de escrevivências.

Chegar até aqui neste trabalho foi algo muito difícil, pois as disciplinas que cursei, as leituras que busquei, os caminhos metodológicos encontrados, em sua maioria, traçaram caminhos lineares de uma pesquisa como estamos acostumados a encontrar. E os relatos dessas professoras negras, são *flash's* de suas vidas: infâncias, adolescência e trajetórias profissionais. Portanto estas narrativas manifestam a potência que esses escritos trazem, empoderando as mulheres, mas não as mensurando, e sim proporcionando à academia uma maneira de refletir sobre essas histórias de vida. A partir desta forma de pensar, que trago as mulheres negras como protagonistas para a construção deste texto.

Em uma de minhas angustiantes conversas com Geisieli, uma amiga/irmã de coração que a vida me presenteou, ela me perguntou se eu já havia lido algo sobre Conceição Evaristo. Respondi positivamente, acrescentando considerar sua literatura um aporte para várias reflexões sobre o lugar de ser mulher negra. E ela me disse: -“Traga Conceição para sua pesquisa”!

E o início da trajetória deste pensar metodológico começou aí. Fui em busca de um grupo de pesquisa que estudasse escrevivência, e à beira do rio encontrei o grupo de pesquisa “Currículo, Escrivivências e Diferença” da UNEB-BA, coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Iris Verena de Oliveira, que me acolheu, segurou na minha mão e não me deixou desistir. Me mostrou que era possível fazer pesquisa com afeto, aconchego, muito aprendizado, trocas

robustas de conhecimentos e colocar muita potência em trabalhos que envolvam principalmente mulheres negras. Afinal sou uma delas, e neste grupo me senti em casa, pois lá tem muitas das minhas.

Quando eu trouxe esta proposta metodológica para Sylvania, minha co-orientadora, uma mulher preta que encontrei ao longo desta caminhada na Universidade Federal de Minas Gerais, também recebi o acolhimento que eu precisava. E a partir daí continuamos velejando juntas neste rio rumo às possibilidades reflexivas que dialogassem com a academia.

Agora pronto! Definimos pela utilização da escrevivência como recurso teórico-metodológico, daí passamos a organizar como seria feito e a escolha foi pelos ateliês de escrevivência. O processo de construção desses ateliês teve início durante uma de nossas muitas conversas. O meu caminho e o de Sylvania se entrelaçaram em um momento de grande dororidade. Momento este que tive muito acolhimento, companheirismo e afeto recebido dela. Sylvania, uma mulher que veio de família simples, transformou nossas reuniões de orientação em momentos de escrevivências embaladas em um ato de sororidade mútua. Nossas histórias se entrelaçam como as histórias de outras mulheres negras.

Diante deste contexto decidimos construir os cenários controversos utilizando trechos de minha trajetória de vida, pois afinal escrevo e narro um pouco de mim junto com as co-esritoras mulheres negras professoras. E foi uma maneira que encontramos de expressar nesta pesquisa os sentimentos que trago, as coisas que passei e ainda passo como uma forma de denúncia a todas as formas de racismo velado ou não que passamos ao longo de nossas vidas. Em nossas conversas expressamos os cenários controversos como um texto curto, descritivo de uma cena de dororidade vivenciada em momentos precisos da vida de mulheres negras. Tais textos foram usados como disparadores da escrita narrativa das professoras negras.

## **2.1 Velejando no ateliê**

Ao velejar nos meandros<sup>11</sup> deste rio, fui em busca de obter as autorizações necessárias que constam nos anexos 02 e 03: Termo de anuência para pesquisa na rede municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) e carta de apresentação do(a) pesquisador(a) que são os documentos essenciais para entrar na instituição de Educação Infantil. Em seguida, fui em busca do termo de consentimento do comitê de ética em pesquisa- COEP, que está no anexo

---

11 Meandros: Sinuosidades descritas pelos cursos de água com harmonia e semelhança. Ver mais em: <<https://ihgms.org.br>> acesso em 10/03/2023.

04 deste trabalho. Com estas autorizações em mãos, entrei em contato com a direção da instituição, me apresentando como pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais. Fui muito bem recebida por ela, que me parabenizou dizendo que estava se sentindo orgulhosa, por estar naquele momento na direção de uma instituição que iria trazer contribuições para o meio acadêmico. Ainda mais pelas mãos de uma professora que em algum momento de sua jornada já esteve lotada naquela instituição. Me senti lisonjeada, quando ela disse que eu era inspiração para as outras professoras.

De posse destas autorizações, comecei a pensar na elaboração da conduta a percorrer. Pensando em uma dinâmica que atendesse aos dois turnos da escola, de uma forma prática, e assim elaborei um formulário no *google forms* denominado “Formulário de sondagem de auto identificação” (anexo 06) para fazer uma sondagem com as professoras sobre quais teriam interesse em colaborar com este estudo. Utilizei os seguintes dados para compor este formulário: Nome completo das professoras e e-mail. Como a pergunta norteadora eu trouxe: “Como você se identifica no requisito raça/cor”?

Naquele momento estavam atuando na instituição um total de 32 professoras, distribuídas em dois turnos e em funções diferentes como: direção, coordenação geral, coordenação de diurno, professor de referência e professor de apoio. O formulário foi disponibilizado para todo este grupo, via *Whatsapp* de trabalho da escola. Obtive 12 respostas como demonstra o gráfico 1 a seguir:

**Gráfico 1: Gráfico de autoidentificação**



**Fonte: produzido pela autora**

Após este levantamento inicial, marquei o primeiro encontro com as doze professoras que aceitaram colaborar com a pesquisa. Este encontro inicial aconteceu em dois turnos. No turno da manhã a escola fez uma organização para que o mesmo acontecesse no último horário, e a tarde no primeiro, mas sempre esperando que acontecesse a entrada das crianças no turno para que o ambiente escolar estivesse mais tranquilo, com menos barulho.

Para a realização dos encontros no turno da manhã, a direção da escola disponibilizou uma sala de aula que não estava atendendo crianças. É uma sala ampla com mesas e cadeiras adequadas para crianças de 4 a 5 anos. Para os encontros que aconteceram no turno da tarde, foi disponibilizada a biblioteca da instituição. Local organizado com prateleiras baixas, onde encontram-se livros que podem ser manuseados pelas crianças, sempre expostos em um lugar acessível para as crianças manusearem-nos de forma autônoma. Nas prateleiras mais altas ficam os livros destinados às pesquisas dos professores, várias caixas organizadoras com fantoches e fantasias. Tapetes coloridos no chão e muitos pufes<sup>12</sup> espalhados. Um ambiente aconchegante e estimulador de leitura.

No primeiro encontro expliquei que o objetivo da pesquisa é de compreender, por meio de narrativas de histórias de vida, trajetórias de mulheres negras professoras. Informei também que a participação seria voluntária, podendo deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como estariam livres para se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição. Esclareci que a participação delas neste estudo envolveria as suas presenças em todos os cinco encontros e a realização das atividades propostas. Todas leram o TCLE<sup>13</sup>, concordaram com os termos da pesquisa e o assinaram em duas vias.

Quanto à produção textual, que começou no segundo encontro, expliquei que a mesma seria conduzida pela pesquisadora, ou seja, por mim, sob orientação das professoras orientadora e co-orientadora, e que as informações prestadas seriam preservadas garantindo anonimato dos participantes. A dinâmica dos demais quatro encontros, todos acontecendo na escola, consistiria na leitura individual de um pequeno texto (cenário controverso) provocador para mobilização da escrita narrativa. A duração de cada encontro foi prevista de cerca de 40 minutos e somente as produções escritas de quem participasse de todos eles seriam fonte de dados para a pesquisa. Contudo todas estavam convidadas a conhecerem os ateliers de escrivência.

---

12 Assento sem pés, geralmente de tecidos, com enchimento, sem braços e de formas variadas

13 Número do processo do TCLE: 60593722.4.0000.5149



É perceptível que professoras em um ambiente escolar sentem a necessidade de falar sobre questões que as incomodam. Estas questões podem estar relacionadas ao seu trabalho, ou até mesmo ao seu processo de constituição pessoal. São as conversas de corredor ou de sala de professores. Talvez essa seja a causa das professoras que se autodeclararam brancas nesta sondagem inicial, mesmo sabendo que a proposta de estudo seria com professoras negras manifestarem o desejo de participar dos ateliês. Acolhi todas elas, pois o que viria acontecer nos encontros posteriores ainda era uma incógnita.

Seis professoras negras participaram dos cinco encontros e entregaram suas escrevivências. As produções escritas foram mantidas de sua forma original e colocadas no corpo do trabalho. Em cada encontro foi registrado no caderno de campo o contexto, trechos de falas das participantes e minhas reflexões. Com o smartphone registrei em áudio de modo aleatório alguns momentos dos encontros para facilitar o registro no caderno de campo dos acontecimentos. A partir desse material apresento uma descrição narrativa iniciada com o cenário controverso, seguida de cenas dos encontros compostas por minhas escrevivências e notas transcritas do caderno de campo.

## **2.2 - Descre/vivendo os ateliês biográficos**

Nesta proposta de descre/viver os encontros, trago neste tópico a descrição dos encontros realizados com as professoras negras. Os ateliês utilizados neste trabalho de acordo com Delory-Momberger (2006, p.8) “destinam-se a considerar essa dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de formabilité<sup>14</sup> aberto ao projeto de si”. Os ateliês desta pesquisa aconteceram em cinco encontros. Inicialmente, a proposta seria que esses encontros fossem quinzenais, porém devido às situações adversas que acontecem na escola como licença médica, faltas injustificadas, convocações para perícias periódicas com fonoaudiólogas, dentre outras, o espaço entre o primeiro e o segundo encontro foi de quinze dias. Os demais encontros tiveram que acontecer com um espaço de tempo maior, uma vez por mês, sempre na própria instituição.

---

14 Formabilité - Essa é mais uma expressão criada pela autora, que não tem correspondente em português. Indica literalmente a possibilidade de se *dar forma* a algo e, por analogia, a possibilidade de formação. Capacidade de mudança.

Escrever, escrever, narrar são verbos que expressam as histórias de vida, vividas e vivenciadas. Trazer relatos de vida é criar *flash's*<sup>15</sup> em nossas mentes. Re/lembrar fatos que foram vivenciados ao longo de nossas vidas pode ser considerado uma projeção fílmica em nossas mentes. Filme com um roteiro carregado de dororidades, mas que teve em todo seu processo de gravação sororidades compartilhadas entre as co-escritoras professoras. Diante disso, descrevo os ateliês em forma de cenas. Cenas fortes de um filme de ação composto por um roteiro das narradoras. Entrelaçado a essas cenas, criadas a partir de três cenários controversos, acrescento *flash's* das notas do caderno de campo de cada encontro para contextualizar os excertos escolhidos que foram os disparadores de escrita utilizados para a execução deste trabalho.

### 2.2.1 Cenário controverso 1: Percurso de minha infância

Aline é uma menina de sete anos de pele negra, olhos amendoados e com longas tranças em seu cabelo. Está iniciando agora sua trajetória escolar em uma escola da rede pública. No primeiro dia de aula ao chegar à escola, ela foi colocada em uma turma onde as crianças não sabiam ler. Na sondagem inicial, a professora verificou que Aline já lia sílabas simples, por este motivo ela foi remanejada para uma turma onde as crianças já liam. Aline foi encaminhada para a outra sala e, quando chegou na porta da nova sala, a professora estava lendo uma história para os estudantes, era a história da “Bonequinha Preta”. Quando Aline chegou na porta da sala, um menino logo gritou: - “*Olha a bonequinha preta!!*” E todos caíram na gargalhada. Aline com os olhos envoltos em lágrimas adentrou a sala. A professora convidou Aline a se sentar em uma carteira vazia próximo a mesa dela, e prosseguiu com a leitura da história.

### 2.2.2 Cena 1: Descre/vivendo infâncias atravessadas

Neste segundo encontro, as doze professoras estiveram presentes. Estavam todas muito ansiosas para ver o que iria acontecer. Quando eu cheguei à escola todas já estavam à minha espera. Fomos para a sala que foi separada pela diretora para que o ateliê acontecesse. Ao adentrarmos na sala as cadeiras já estavam em forma de círculo, pois a diretora já havia me perguntado com antecedência como eu queria que elas estivessem dispostas. Elas

---

15 Flash- Lembranças repentinas

assentaram e logo após uma conversa inicial explicando como seria a dinâmica de escrita, entreguei a elas uma folha branca digitada com o primeiro cenário controverso. Falei para elas que aquele fato escrito na folha era um fato fictício, mesmo sendo um *flash* de minha própria infância. Elas tiveram a opção de escrever com lápis ou caneta e, caso se sentissem à vontade para falar, poderiam narrar também e eu gravaria esta narração. Todas optaram por escrever.

Antes de elas começarem a escrita da narrativa da infância, fizemos verbalmente alguns combinados que denominei contrato biográfico. Neste contrato definimos as estratégias de trabalho com relação à escrita das narrativas e sigilo de informações dialogadas nos encontros. Definimos também a forma de escrever, acordamos que seria uma escrita livre e que as professoras poderiam sentar-se ao chão, em cadeiras, ou seja, ficar da forma que achasse mais prazeroso executar este trabalho. Teve professora que preferiu deitar-se ao chão para escrever. No momento de escrever esses relatos, foi perceptível a forma como as professoras se sentiram à vontade para fazer estas escritas. Procurei deixá-las livres para este momento de escrever. Foi uma escrita tranquila, todas escreveram e demonstraram gostar de escrever. No ateliê que aconteceu pela tarde um fato me chamou muito a atenção. A professora a qual denominei Tapete-persa ao terminar a escrita estava com a boca trêmula e as lágrimas mesmo que ela segurasse, estavam prestes a cair sobre seu rosto. Eu perguntei a ela se estava bem e ela me disse que escrever sobre a sua infância lhe fazia lembrar muitas coisas. Perguntei se ela queria dizer mais alguma coisa. Imediatamente ela disse: *“por ser negra, já fui colocada para ser assentada atrás, ficar proibida de correr no recreio, porque segundo a professora nego fede”*. (Registro oral Tapete-persa, professora preta, 2022. Fonte: autora)

Este encontro aflorou muito as emoções das professoras levando algumas ao choro no momento da escrita. Mas todas relataram que foi uma experiência muito boa realizar esta escrita, lembrar tempos da infância trouxe saudade das experiências vividas e saudades principalmente das avós.

### 2.2.3 Cenário controverso 2: Minha adolescência

Bárbara é uma menina de 13 anos, moradora da Vila São José, que estuda em uma escola pública de sua cidade. Ela divide seu tempo entre os estudos e a rotina diária de cuidar de seus cinco irmãos menores para sua mãe trabalhar. É uma aluna muito dedicada aos estudos e gosta de participar de todas as festividades escolares. É uma pré-adolescente cheia de sonhos e expectativas! Está começando a aflorar os primeiros sentimentos. Gosta de

Rodrigo, um menino de cabelos e olhos claros, pele branca, considerado o melhor aluno da classe.

Com a aproximação das festas juninas, a professora de Educação Física começou a organizar a turma para tal evento. Rodrigo foi convidado pela professora para ser o noivo da quadrilha. E prontamente aceitou o convite. Bárbara imediatamente disse à professora que gostaria de ser a noiva. A professora concordou, porém Rodrigo disse que ele não seria noivo de uma menina preta. Neste momento a professora interviu dizendo: - “Bárbara, acho melhor você ser a fofqueira, por que se não o Rodrigo não vai querer ser o noivo”. Bárbara, desolada com a situação, aceitou a sugestão da professora, afinal essa era apenas mais uma situação na qual ela tinha que abrir mão por ser uma menina negra.

#### 2.2.4 Cena II: Descre/vivendo negras adolescências

Neste terceiro encontro, tratamos sobre as adolescências, no turno da manhã quatro professoras participaram do ateliê e, no turno da tarde, três professoras estiveram presentes. Neste encontro, o cenário controverso 2 foi utilizado como disparador de escrita. Este disparador segue a mesma lógica do primeiro. É um trecho de um fato vivenciado por mim na adolescência, onde o processo discriminatório esteve presente cercado de muito sofrimento, mas que contribuiu muito para que eu me tornasse a mulher forte que sou.

Este encontro transcorreu de forma mais tranquila do que o primeiro, pois no primeiro percebi que elas estavam bastante ansiosas, afoitas para escrever. Isto pode ser afirmado quando verificamos nas escritas a dimensão dos relatos. Os relatos do primeiro encontro foram mais extensos do que os relatos do segundo encontro.

Mas a professora Rosa-do-deserto-de-verão neste encontro, teve uma atitude que me chamou a atenção. Após a conversa inicial com todas as professoras que participaram deste encontro e explicação sobre a dinâmica a ser seguida, imediatamente, mesmo antes da entrega do disparador de escrita, ela já foi logo se antecedendo dizendo que não tinha nada para falar da adolescência. E a sua fisionomia ficou, repentinamente, muito triste. Após esta fala, imediatamente a motivei a escrever dizendo que todos nós sempre temos algo a dizer, que não se passa por uma fase de nossa vida sem ter algo que se possa ser falado. Mas para mim estava muito claro que ela não queria escrever e nem se lembrar de alguma coisa. Eu a deixei à vontade para escrever ou não. Após alguns minutos em silêncio, de posse da folha para escrever a narrativa, Rosa-do-deserto-de-verão iniciou uma escrita, de forma rápida. Escreveu um breve parágrafo e logo ao terminar, me perguntou se poderia se ausentar da sala, porque

havia esquecido que tinha de resolver uma situação inadiável. Se retirou e não retornou mais para o ateliê. Foi perceptível haver algo na adolescência desta professora que ela queria invisibilizar.

### 2.2.5 Cenário controverso 3: Trajetória profissional

Juliana é uma mulher preta, empoderada, de 23 anos. Durante sua trajetória escolar na educação básica sempre estudou em escolas públicas até a conclusão do ensino médio-técnico em Magistério. Este curso foi a porta de entrada para a universidade, mas teve que ser feita em uma instituição privada. Período difícil da vida de Juliana, pois conciliar uma jornada dupla de trabalho e estudos à noite é algo muito desgastante. O diploma universitário trouxe para Juliana melhores oportunidades de trabalho, dentre elas a direção de uma EMEI- Escola Municipal de Educação Infantil. Nesta função Juliana pode mostrar toda sua competência, mas passou também por várias situações de constrangimento. A sala destinada para a direção na EMEI era um espaço amplo, onde também trabalhava a coordenadora geral, Carmen. Carmen era uma mulher branca de cabelos louros e longos. O trabalho desenvolvido por essas duas mulheres era de excelência na escola.

Um certo dia, chegou na escola um representante de material pedagógico de nome Carlos para oferecer jogos e livros. Após se identificar na portaria da escola, foi direcionado a sala da direção para apresentar o material. Quando Carlos chegou na porta da sala, se dirigiu a Carmen com a seguinte fala: - “Bom dia, diretora, eu sou da Maximus Representações e vim fazer a divulgação do meu trabalho, posso entrar? Carmen meio sem jeito o respondeu: -“Eu não sou a diretora, a diretora é Juliana e apontou para ela”. Carlos muito sem jeito se desculpou e adentrou a sala para apresentar os materiais.

### 2.2.6 Cena III: Trajetórias profissionais descre/vividas

Neste quarto encontro tivemos a participação de oito professoras, três no turno da manhã e cinco no turno da tarde. Foi o momento de descre/viver a trajetória profissional e foi um encontro onde elas tiveram muito a relatar. O disparador de escrita utilizado neste momento veio de encontro aos relatos das professoras com a descrição de fatos vivenciados por mim no período em que fui diretora de uma instituição de Educação Infantil na cidade de Belo Horizonte. Este disparador trouxe à tona muitos fatos semelhantes que de forma interseccional entrelaçam as narrativas, afloram sentimentos e reverberam nas práticas

educativas desenvolvidas pelas professoras que participaram dos ateliês. Além das narrativas escritas feitas pelas professoras neste encontro, teve um relato oral que gravei e transcrevi e trago nas linhas a seguir feito por Rosa-do-deserto-de-verão. Este relato sinaliza a forma como ela age, atualmente, enquanto educadora em uma instituição de Educação infantil.

*“Quando eu trabalhava no berçário, uma mãe chegou para entregar o bebê e disse para a auxiliar de apoio chamar uma professora “branca” para receber o seu filho. A auxiliar disse a ela que era eu a professora responsável pela acolhida naquele dia. E por este motivo ela poderia entregar a criança pra mim mesmo. A mãe continuou a argumentar dizendo que se uma professora branca recebesse a criança ela não iria chorar, porque o tom de pele era o mesmo dela. A auxiliar tornou a falar com ela que era eu a responsável pela acolhida das crianças naquele dia. A mãe me entregou o seu filho, mas foi na direção e reclamou. Falou que eu tinha falado com ela de forma agressiva. Eu nem tinha aberto a minha boca. Eu percebi que a mãe ficou contrariada por eu ter recebido o filho dela, arrumou um jeito de reclamar de mim, mesmo eu não tendo falado nada com ela”.*(Registro oral Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022. Fonte: autora)

Ao terminar de fazer este relato, a professora Rosa-do-deserto-de-verão ainda completou: *“Quando as pessoas não conseguem cometer o racismo, elas arrumam um jeito de dizer que mesmo certos, nós somos ou estamos errados”.* (Registro oral, Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022. Fonte: autora)

Este encontro, por abordar as trajetórias profissionais das professoras, e por ser o que elas estavam vivenciando naquele momento, aguçou em Rosa-do-deserto-de-verão e em Raquelina um diálogo onde elas relataram e se posicionavam enquanto mulheres negras. Elas demonstram os seus pontos de vista e a postura que adotam hoje, enquanto professoras, para não deixar que crianças negras, como elas, sofram as mesmas coisas que elas sofreram ao longo de suas vidas.

Rosa-do-deserto-de-verão deu como exemplo para as demais colegas, uma situação que ela vivenciou estando na coordenação da escola:

*“Uma professora chegou na coordenação da escola com duas crianças, uma branca e uma negra, relatando que a criança branca disse que não ia ser amiga da outra porque ela era “preta”. Eu disse para ela que não podemos fazer escolhas de amizades pelo tom de pele. Eu, por ser negra, vi a necessidade de fazer o acolhimento daquela criança negra. Porque muitas vezes o professor faz a intervenção, e não acolhe a criança que sofreu a discriminação. Eu percebo o quanto isso é importante, esse acolhimento, para que esta criança não cresça com os mesmos traumas que eu cresci. Escrever essas narrativas me fizeram refletir ainda mais sobre as práticas*

*que tenho que exercer com as crianças.” (Registro oral, Rosa-do-deserto-de-verão, professora negra, 2022. Fonte: autora)*

Observo que estes ateliês mesmo ainda não finalizados, já trouxeram para estas professoras algumas indagações e proporcionou uma reflexão coletiva sobre posturas que elas podem ter para contribuir com uma educação antirracista. Camoensia, uma professora parda, disse que não percebe estas situações de racismo com as crianças. Rosa-do-deserto-de-verão ainda completa dizendo que o que ela relatou não foi um fato isolado. Que estas coisas acontecem todos os dias na instituição. E que as professoras devem ficar mais atentas com estas situações que são cotidianas. Para completar o seu pensamento ainda relata mais um episódio vivenciado:

*“Uma menina negra bateu nos colegas de sala e a professora a trouxe na coordenação para eu conversar com ela. Vocês sabem né, na coordenação temos uma coordenadora parda e eu negra retinta. A minha colega de coordenação começou a fazer a intervenção. A menina negra estava com o cabelo todo bagunçado. E a intervenção começou a ser feita da seguinte forma: Porque você está batendo nos seus coleguinhos? Ela ficou calada e permaneceu calada. Eu observando aquela cena fiz a seguinte pergunta pra criança: O que aconteceu na sala pra você bater nos seus colegas? Perguntei assim, porque sabia que algo deveria ter acontecido relacionado a forma como o cabelo dela estava. E ela prontamente me respondeu: Eu quero meu cabelo solto, então eu soltei, e eles falaram que meu cabelo é feio, por isso eu bati neles. Perguntei a ela onde estava a buchinha para eu prender o cabelo dela. Ela tornou a me dizer: QUERO MEU CABELO SOLTO! Mas como era um cabelo crespo, quando ela tirou a buchinha ele ficou realmente bagunçado. A gente tinha comprado gel creme para a escola justamente para utilizar no cabelo das crianças. Falei com ela: Eu vou arrumar o seu cabelo. Fiz umas bananinhas e passei gel creme na parte de trás deixando o solto. Ela ficou toda feliz e todo dia passou a ir lá na coordenação pra eu arrumar o cabelo dela e ela ficar com o cabelo solto.” (Registro oral, Rosa-do-deserto-de-verão, Professora negra, 2022. Fonte: autora)*

Este encontro potencializou uma discussão muito bacana entre as participantes do ateliê. Foi perceptível a forma pensativa que elas saíram do encontro.

#### 2.2.7 Cena IV: Descre/viver, socializar e poetizar

Este último encontro trouxe à tona muitos pontos que antes não haviam sido abordados. Percebo que os relatos trazidos por Rosa-do-deserto-de-verão no encontro anterior, encorajaram as demais professoras a relatarem fatos que viveram na escola e que antes não tinham externalizado. Lírio africano disse que por ser uma mulher parda, não

considera que sofre preconceito com relação ao seu tom de pele e afirma que a questão de ter um corpo fora dos padrões estabelecidos pela sociedade é o motivo de sofrer preconceito. Em lágrimas relatou ser o preconceito sofrido pelas colegas de trabalho o que mais lhe incomoda. Ela diz que na sala dos professores muitas vezes as colegas a colocam em situações de constrangimento em relação a seu corpo negro, principalmente por ela ter os seios muito grandes. Lírio africano se sente muito envergonhada com esta situação e fala que acha um absurdo professoras educadoras terem estas atitudes com colegas de trabalho. Ainda ressalta que se com colegas de trabalho elas fazem isso, imagina o que não fazem com as crianças em sala. Coração partido diz que na escola onde trabalha, não sente que sofre preconceito e diz: *“Eu já sofri tanto preconceito nesta vida, que o que passo aqui, ou o que vejo as colegas passarem, não é nada se comparado ao que eu já vivi.”* (Relato oral de Coração partido, professora parda. Fonte: autora).

Esta fala de coração partido não quer dizer que não acontece preconceito na instituição, analiso esta fala como uma maneira de invisibilizar estes fatos. Sempre em algum momento de suas falas as professoras repetem essa forma de invisibilizar preconceitos sofridos. Isto é uma forma de sobrevivência estabelecida por elas. Estas estratégias são desenvolvidas ao longo das vidas destas professoras.

Para descre/viver este último encontro poetizando descre/vivo nas próximas linhas uma poesia de minha autoria, criada para relatar um pouco do que foi vivenciar este ateliê:

### **Negras professoras**

Mulheres negras  
 professoras negras  
 Negras memórias  
 Negras histórias  
 Que se reverberam na dor  
 Dores que se entrelaçam  
 Que se unem num abraço  
 Que movem todo cansaço  
 Que passam por desembaraços  
 Para continuar a luta com fervor  
 Umas se vêem nas outras  
 vivem as mesmas coisas  
 de formas diferentes  
 famílias diferentes  
 localidades diferentes  
 Mas neste socializar  
 Choram juntas  
 refletem juntas  
 mostram a mulher negra que se tornaram  
 conseguem perceber a discriminação sofrida  
 nestas lutas vividas



escrevidas neste narrar de lembrar  
Fonte: De minha autoria

### **CAPÍTULO 3 - “E A MINHA MENTE CONCLUI QUE EU MEREÇO SER RESPEITADA, SOU UMA MULHER DE GARRA, PRETA DE QUEBRADA”(MATOS,2017)**

Peço licença a Flora Matos, uma mulher preta, cantora de rap brasileiro, nascida no Distrito Federal, para utilizar um trecho de sua música *Preta de quebrada* como título da colocação das impressões desta pesquisa. Neste trabalho coloquei toda minha garra, conhecimento e dedicação, motivos pelo qual mereço ser respeitada, pois também sou uma mulher de garra. E nesta minha trajetória de vida e trajetória profissional até a chegada nesta pesquisa, alcanço através dos relatos descritos neste trabalho impressões que podem trazer contribuições para o campo acadêmico, no que diz respeito às narrativas de professoras negras que atuam na Educação Infantil.

Neste processo de verificar os relatos das professoras negras co-escritoras deste trabalho fiz uma categorização dos elementos comuns encontrados para facilitar a identificação das convergências interseccionais nos relatos. Esta verificação foi inspirada na análise de conteúdo temática. Depois de uma leitura flutuante de todas as narrativas das professoras negras, os temas emergentes foram organizados em categorias. As definições dessas categorias tiveram como base as próprias palavras das professoras tomadas como indicadores textuais. Por exemplo, para construir a categoria de “Responsabilização” partimos das falas das professoras sobre a precocidade dessas mulheres em assumirem tarefas domésticas e assumirem responsabilidades sociais e econômicas, como na seguinte fala: *“Na verdade eu não tive infância, eu não considero que tive uma infância, porque eu com 13 anos já trabalhava cozinhando na padaria. (Lírio Africano).*

Para o melhor entendimento do leitor, apresento no Quadro 1 as categorias suas definições e os indicadores textuais usados para construí-las:

**Quadro 1: Categorias e suas definições**

<b>Categoria</b>	<b>Definição</b>	<b>Exemplos de indicadores textuais</b>
I - Vivência na família	Estrutura e condições da unidade familiar	Famílias numerosas; Pais com pouca escolarização; Baixas condições financeiras.

II-Vivência no trabalho	Condições de subalternidade nas relações de trabalho	Atividades de trabalho com funções de servidão; Valorização salarial abaixo do estabelecido ou por contrato temporário.
III-Vivência no território	Mobilidade e transição de localização de domicílio	Migrar para outra localidade em busca de melhores condições de vida.
IV-Responsabilização	Compromisso no exercício de tarefas	Abrir mão da infância para executar funções de adulto.
V-Maternidade negra	Cuidados com os mais vulneráveis	Maternar em busca de melhores oportunidades para os filhos Conciliação da maternidade e o trabalho.
VI-Racismo	Situações de constrangimento e agressões em função da raça	Atitudes que discriminam os negros como <i>bullyings</i> , racismo recreativo e discriminação na estrutura social.
VII-Invisibilidade	Negação de atos e fatos discriminatórios do povo negro	Fazer com a pessoa se pareça invisível, invisibilizar as ações executadas pela pessoa negra; Ausência de reconhecimento das ações desenvolvidas pela pessoa negra
VIII-Estética negra	Condições corporais, estéticas do povo negro	Valorização do cabelo crespo; Características corporais.
IX-Escolarização negra	Condições de acesso e permanência em instituições escolares	Abandonar os estudos por motivos adversos; Ter sua trajetória estudantil em

		escolas públicas.
X-Educação por amor	Condições afetivas na prática docência	Ter o magistério como profissão dos sonhos; Utilizar a leitura como parte de sua vida para o seu crescimento pessoal e fonte de prazer.

Fonte: pesquisadora

Após fazer essa categorização, dei início ao processo de análise de conteúdo utilizando as categorias que criei como norteador deste processo. Na categoria, I - Vivência na família, fiz um levantamento nos escritos, relatos e anotações do caderno de campo sobre os pontos convergentes como famílias numerosas, muitos irmãos, pais com pouca escolaridade e baixas condições financeiras. Nestes pontos eu pude perceber o quanto estas realidades vividas por estas professoras influenciam na forma como elas lidam com o seu fazer pedagógico na educação infantil. A forma como elas lidam com seus alunos, o contato carinhoso juntamente com a formação que elas adquiriram ao longo de suas trajetórias. Desta forma, o cuidar e o educar que são atribuições da Educação Infantil de acordo com Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) são desenvolvidos com supremacia cotidianamente.

Na categoria II - Vivência no trabalho foi perceptível visualizar a forma como estas professoras negras se relacionavam com as questões trabalhistas. As oportunidades de trabalho que lhes eram proporcionadas em sua maioria eram atividades de servidão como serviços domésticos. Quando tinham a oportunidade de trabalhar na profissão que escolheram sempre recebiam um salário inferior ou trabalhavam sob a forma de contrato temporário. Ter essas condições em sua trajetória mostra a essas professoras o quanto é valioso hoje elas serem funcionárias públicas concursadas.

*Comecei a trabalhar com 15 anos, eu trabalhava na casa de uma senhora (dona assunta) fazia os afazeres domésticos e ia para minha casa nos finais de semana, eu estudava à tarde. Eu praticamente morava com essa senhora, uma italiana que me tratava com muito carinho. Então na parte da manhã eu arrumava a casa, faxinava e a tarde ia para a escola e ao retornar, eu estudava, tinha um quarto fora de casa de empregada doméstica. Essa senhora morava sozinha e tinha ficado viúva a pouco tempo. Depois de 4 meses que eu estava trabalhando nesta casa, veio morar com ela o filho e*

*sua mulher e duas filhas, a menor tinha 3 anos e a outra a minha idade. Com o passar dos dias, a nora da senhora Assunta, sempre me colocava para faxinar a casa, o banheiro praticamente todo dia tinha que lavar o azulejo, ela arrumava sempre alguma coisa para eu fazer. Muitas vezes quando eu voltava da escola, eu tinha que lavar a garagem, ou cuidar da criança pequena. Muitas vezes eu saía correndo pra aula atrasada. Ela (a nora) não gostava do jeito que a Dona Assunta me tratava como se fosse da família. Mas a nora (Lúcia) fazia questão de me colocar no meu lugar, eu era a empregada da casa. (Tapete-persa)*

Na categoria III - Vivência no território remete ao fato de suas famílias se deslocarem de uma localidade para outra em busca de melhores condições de vida. Os pais, naquela época, buscavam o melhor para seus filhos, uma realidade diferente da que eles tiveram. Para que estes deslocamentos pudessem acontecer, era necessário que estas mulheres tivessem ainda em suas infâncias responsabilidades precoces, que está sinalizada na categoria IV – Responsabilização, de cuidar dos irmãos mais novos para os pais trabalharem, ou até mesmo de começar a trabalhar. Esta mobilidade deixava as famílias sozinhas em um lugar desconhecido onde só poderiam contar com os seus filhos para tal função. A maternidade negra, que é a categoria V, demonstra que mesmo estando longe, sem familiares por perto, o desejo de melhores condições para seus filhos falava mais alto. Para tal a necessidade de conciliar a maternidade com o trabalho se fazia presente no dia-a-dia.

O racismo, que categorizei no item VI, foi vivenciado de diferentes formas: Racismo estrutural, *bullying's*, racismo recreativo, e mesmo com todos estes desafios estas mulheres procuraram estratégias para lidar com esta situação chegando hoje no lugar que estão. Algumas utilizam deste racismo vivido com estratégia para em seu fazer pedagógico terem atitudes diferentes. Outras tem como recurso dizer que nada aconteceu, ou seja, invisibiliza o fato ocorrido. Esta invisibilidade -categoria VII - está presente não só na invisibilização pessoal destas professoras como também na ausência de reconhecimento do trabalho da professora negra. Outro ponto que foi categorizado foi a estética negra, na categoria VIII. Esta é uma categoria que nos leva a fazer uma reflexão sobre a questão da valorização do cabelo crespo. Em relatos é demonstrado o quanto em tempos passados as crianças negras tinham suas identidades invisibilizadas. Cabelos cortados como “joãozinho”, não tinham cremes adequados para a estrutura destes cabelos. E esses fatos se remetem até os dias atuais, ao fato de muitas pessoas não reconhecerem a estrutura capilar destes cabelos crespos dizendo que a pessoa negra está “descabelada”. A categoria IX - Escolarização negra traz a questão do abandono dos estudos e trajetórias estudantis em escolas públicas. Todas estas categorias descritas se entrecruzam. O abandono escolar acontecia por cansaço, devido à conciliação do

estudo com o trabalho, o cuidar dos irmãos e afazeres domésticos. Nenhum destes percalços tirou dessas professoras negras o desejo de sonhar. Sonhar em ter uma profissão, em ser professora. Isto resultou na categoria X, nomeada Educação por amor, onde os sonhos ainda permeiam, onde a leitura serviu de muleta para os momentos de discriminação resultando em fonte de prazer e crescimento pessoal.

Para facilitar a compreensão do processo que utilizei para a análise de conteúdo dos textos, decidi trazer as narrativas na íntegra no corpo desta dissertação, esta foi a forma que encontrei de respeitar as mulheres de garra que são estas professoras. Pois percebo que por meio desta escrita, elas tiveram a oportunidade de reconhecerem as forças sistêmicas que as oprimiam como um movimento de resposta interna ao que sempre foi imposto a elas.

Estas categorias possuem um caráter interseccional, pois as professoras pesquisadas têm muitos pontos em comum em suas vivências. Percebi que a maioria delas são oriundas de cidades do interior de Minas e que trazem como marcas de suas infâncias o trabalho precoce, o racismo em suas mais diversas formas, a discriminação ao cabelo crespo e as características corporais negras. Mas também é visível em seus relatos a preocupação que os pais tinham com os seus estudos, a busca por oportunidades melhores. E o reflexo disso é o amor à profissão que elas trazem em seus relatos. São professoras comprometidas com a pauta antirracista, que entrelaçam as suas autoafirmações enquanto mulheres negras, práticas que fazem os seus alunos, principalmente as crianças negras terem os sofrimentos que já são enraizados amenizados. Os benefícios destas práticas não são apenas para as crianças negras, mas sim para todas em geral. Pois fazem elas perceberem e refletirem sobre a valorização das diversas culturas existentes sem distinção de nenhuma. Percebe que a trajetória dessas professoras influencia diretamente nesse fazer pedagógico, é a educação por amor.

Trago a seguir as narrativas que serão discorridas na mesma sequência da apresentação feita no capítulo 2 desta dissertação e seguirá a ordem dos ateliês: Infância, adolescência, trajetória profissional e socialização.

### **3.1 Lírio africano**

#### ***Infância roubada***

*“Na verdade eu não tive infância, eu não considero que tive uma infância, porque eu com 13 anos já trabalhava cozinhando na padaria. Fazia comida pra quinze, vinte pião. Quando eu comecei a estudar já tinha 6 anos, era no interior né em escola rural. Aí a diretora descobriu que eu estava na escola foi lá pra me tirar. Eu já li escrevia e ela não me aceitou na sala porque eu tinha que entrar era com sete, e com seis eu já lia e escrevia. Aí no decorrer*

*do que foi acontecendo eu fui até a terceira série e fui alfabetizada por minha mãe. Quando eu fui pra quarta série eu tive que ir pra outro lugar, porque minha mãe trabalhava com turma multisseriada, mas eu não me adaptei pra onde eu fui estudar a quarta série. Eu voltei pra casa e continuei como sempre trabalhando e sem estudar. Eu fui voltar a estudar quando eu tinha 17 anos, que fui fazer a quarta série. Eu me mudei para a cidade e não quis perder tempo e fui voltar a estudar. Hoje eu sou uma professora que fui aprender a pular amarelinha sendo professora, porque quando criança eu nunca soube o que é amarelinha. Eu nunca brinquei eu nunca tive brincadeira. Hoje eu até tenho muita dificuldade em brincar, eu não sei brincar por mais que eu me esforce sabe, mas é porque eu não fui criada brincando, eu fui criada trabalhando.”(Lírio africano, professora parda, 2022)*

\*\*\*\*\*

### ***Onde ficou minha adolescência?***

*“Meu nome é Lírio africano e irei falar um pouco sobre minha adolescência. Nasci e fui criada no interior, comecei a trabalhar muito cedo, devido ser de uma família de doze irmãos. Então tínhamos que ajudar no sustento da casa. Fui alfabetizada por minha mãe em uma escola rural multiseriada na qual frequentei até a 3ª série. Aos meus nove anos e só voltei para a escola com meus 17 anos para cursar a 4ª série. Foi aí que dei continuidade até me formar no 2º grau (Magistério). Fiquei por um bom tempo afastada da área da Educação, por não ter sido orientada sobre a importância do magistério na época. Me casei, tive uma filha, e quando ela estava com 2 anos comecei a trabalhar em uma creche e lá recebi um incentivo para cursar pedagogia, nessa época eu estava com 34 anos então com muita dificuldade me formei aos 38 anos. E assim prestei concurso na PBH, fui aprovada e hoje sou funcionária pública, o que é minha fonte de renda. Sou muito grata a Deus por essa oportunidade em minha vida.”(Lírio africano, professora parda, 2022)*

\*\*\*\*\*

### ***O orgulho de ser concursada***

*“Meu nome é Lírio africano tenho 50 anos. venho de uma família simples e humilde, devido as circunstância da vida que era bem difícil iniciei meus estudos mais tarde e fora da idade por falta de oportunidade. Sempre estudei em escola pública até a conclusão do ensino médio no qual optei pelo curso de magistério. Assim que terminei o curso trabalhei em outras áreas devido não ter sido muito bem orientada sobre a minuta do curso. Bem mais tarde decidi ingressar na área da educação iniciando na educação infantil no qual fui incentivada a entrar para a faculdade e fazer o curso de pedagogia. Não foi fácil porque nesse período tinha que conciliar trabalho, família e estudos. E nesse período também sofri preconceitos porque já estava casada, com filho e também por causa da minha idade, pois já estava com 34 anos e me formei aos 38 anos. Fui muito criticada pela minha coragem e não recebi nenhum incentivo. Mas mesmo assim não desisti e fui em frente em busca de conhecimento e de uma vida melhor. Assim que me formei fiquei um período desempregada e fui para uma designação no estado e consegui uma vaga para lecionar. Tinha muitos candidatos mais experientes participando então a diretora já me olhou de*

*forma negativa e ficou tentando me induzir a ceder minha vaga para outra professora que já fazia parte do grupo de professores da escola, mas eu não aceitei .*

*Quando cheguei na escola para tomar posse do cargo fui recebida pela supervisora que também me olhou negativamente e disse que eu não iria conseguir e como eu já trabalhava na Educação infantil que voltasse para ela. Mesmo assim não desisti e trabalhei nessa escola por um determinado tempo. Depois de um certo tempo recebi uma oportunidade em outra escola com um salário melhor. Chegando lá fui muito bem recebida e elogiada pelo trabalho que desempenhava. E nesse período que estava nessa escola surgiu um concurso na PBH e todas as professoras da escola fizeram, na primeira etapa todas tiveram excelentes notas e ficamos muito felizes. Mas na segunda etapa que era a correção da redação apenas eu consegui ser aprovada. A partir daí tudo se transformou e começaram a criticar meu trabalho, ninguém mais falava comigo e desvalorizaram meu trabalho e minha pessoa totalmente me causando maior constrangimento ao ponto de não conseguir dar continuidade nessa escola. Pedi demissão e passou pouco tempo fui convocada pela PBH e hoje estou muito satisfeita na escola no qual fui designada para realizar meu trabalho. Essa é uma das partes mais marcante da minha trajetória profissional.”(Lirio africano, professora parda, 2022)*

\*\*\*\*\*

### ***O túnel do tempo***

*“Pra mim também foi um momento muito enriquecedor na busca voltando no túnel do tempo, coisas que a gente procura esquecer as vezes não quer ser muito lembrado, no momento do registro volta a fita ali né. a gente relembra tanta coisa, tanta coisa difícil. Mas transcrever no papel, foi muito interessante porque eu voltei, fiz uma reflexão melhor em relação ao preconceito em relação a determinadas situações Deu pra fazer uma avaliação e no decorrer do dia-a-dia com o corre-corre a gente nem tem tempo pra parar pra fazer uma reflexão. Foi muito importante pra mim e com certeza vai fazer muita diferença na minha prática.”(Lirio africano, professora parda, 2022)*

## **3.2 Tapete-persa**

### ***Racismo velado***

*“Sou a Tapete-persa venho de uma família de 7 irmãos, onde são 3 homens e 4 mulheres, sou a caçula das mulheres. Quando eu tinha 3 anos de idade, a minha avó ao visitar a filha que tinha sido abandonada pelo marido, a deixando com os 6 filhos e a espera do sétimo, no Norte de Minas. Segundo minha avó eu quiz ir embora com ela para São Paulo. Dessa forma, minha avó me levou e fui criada pela minha avó, que era analfabeta, mas sempre me mandou para a escola. Convivi com os meus primos. Quando busco na minha memória, eu enquanto aluna, sempre fui dedicada, sempre gostei de ler, mas nunca participava de eventos, de apresentação. Nunca tive incentivo dentro de casa. Mudei muito de escola devido a minha avó brigar com as noras e ia para a casa de outro filho. Na minha adolescência eu já*



*trabalhando e estudando, abandonei a escola no final do ano devido ao cansaço, mas no ano seguinte eu mesma procurei a escola para retornar os estudos. Embora eu não tenha incentivo dentro de casa, conheci muitas pessoas que me falavam a importância dos estudos. Trabalhei desde de muito nova, com pessoas que tinham poder aquisitivo, e instrução. E vendo aquelas pessoas eu me enchia de vontade de ter uma história diferente. Agarrei todas as oportunidades que tive. Sei que a minha caminhada foi mais pesada e por esse motivo valorizo e faço o meu trabalho com amor. Tive alguns professores que me marcaram tanto positivamente como negativamente. Por ser negra, já fui colocada para sentar atrás, ficar proibida de correr no recreio, porque segundo a professora “nego fede”. Muitas vezes eu ficava só sentadinha no recreio ou ia na biblioteca. Me recordo de certa vez ter ganhado uma medalha por ter sido a estudante que mais havia pegado livro na biblioteca”. (Tapete-persa, professora negra, 2022)*

\*\*\*\*\*

### **Onde é o meu lugar**

*“Quando relembro da minha trajetória na adolescência, me recordo que eu tinha muitos amigos, era muito divertido ficar na porta de casa até tarde conversando. Comecei a trabalhar com 15 anos, eu trabalhava na casa de uma senhora (dona assunta) fazia os afazeres domésticos e ia para minha casa nos finais de semana, eu estudava à tarde. Eu praticamente morava com essa senhora, uma italiana que me tratava com muito carinho. Então na parte da manhã eu arrumava a casa, faxinava e a tarde ia para a escola e ao retornar, eu estudava, tinha um quarto fora de casa de empregada doméstica. Essa senhora morava sozinha e tinha ficado viúva a pouco tempo. Depois de 4 meses que eu estava trabalhando nesta casa, veio morar com ela o filho e sua mulher e duas filhas a menos tinha 3 anos e a outra a minha idade. Com o passar dos dias, a nora da senhora assunta, sempre me colocava para faxinar a casa, o banheiro praticamente todo dia tinha que lavar o azulejo, ela arrumava sempre alguma coisa para eu fazer. Muitas vezes quando eu voltava da escola, eu tinha que lavar a garagem, ou cuidar da criança pequena. Muitas vezes eu saía correndo pra aula atrasada. Ela (a nora) não gostava do jeito que a Dona Assunta me tratava como se fosse da família. Mas a nora (Lucia) fazia questão de me colocar no meu lugar, eu era a empregada da casa. Dona Assunta sempre me falava para eu sempre estudar por conhecimento ninguém pode me tirar. Acho que essa Lucia era racista, lembro que eu não podia ficar vendo TV. Eu acabava indo para o meu quartinho e ficava estudando. Acabei saindo de lá e fui trabalhar na casa da filha da Dona Assunta, lá fiquei mais alguns anos trabalhando na casa e depois e depois, fui trabalhar no escritório da família e morava lá no escritório que tinha um quarto no fundo da casa. Vendo o trabalho da advocacia, fiquei apaixonada e quis fazer de qualquer jeito uma faculdade”. (Tapete-persa, professora negra, 2022)*

\*\*\*\*\*

### **O encontro**

*“Eu costumo falar que foi a minha profissão que me encontrou, como boa parte da minha adolescência trabalhei como babá, então sempre tive facilidade em lidar com crianças. Mas a oportunidade de fazer pedagogia surgiu com a minha vontade de fazer direito, pois trabalhava com uma*

*família que estava se organizando para se tornarem sócios em uma faculdade de direito que seria aberta em B.H, seria uma faculdade voltada para os princípios de Allan Kardec. Então como minha patroa via o desejo que eu nutria para fazer uma faculdade, ela me orientou a procurar um curso na área de humanas, e quando estivesse tudo certo eu transferiria para o curso de direito, e assim eu fiz, prestei vestibular na Puc-minas, e passei em pedagogia. Mas como pagar esse curso? Como minha patroa tinha conhecimento dos meios que eu poderia trilhar para conseguir a bolsa, assim eu segui suas orientações, ainda não tinha ENEM. Consegui uma bolsa de 85%, feito com muito sacrifício, dupla jornada, trabalho e estudo, madrugadas, mas valeu a pena me formei em 2008. E acabou que a tal sociedade que minha patroa iria entrar não deu certo. Sempre procurei trabalhar da melhor forma possível, tive oportunidade de trabalhar como coordenadora geral em um programa chamado escola aberta no município de Ibité, eu acompanhava o andamento do programa em 14 escolas, representava o município em reuniões regionais, e viagem. Tínhamos uma sede que ficava no CAIC, e ali, eu juntamente com uma equipe, recebíamos alguns funcionários das escolas para entrega de prestação de conta, conferências, entre outros. Certa vez um desses funcionários que eu não conhecia, entrou na sala onde tinha umas 4 mesas de atendimento, onde eu estava com dois colaboradores, realizando alguns fechamentos. O funcionário se dirigiu até a minha mesa, dizendo, eu sou o Carlos José da escola tal, e estou aqui para entregar as prestações de conta, para a Sra. Tapete-persa, onde eu posso encontrá-la? Eu me levantei e disse boa tarde! Pode me entregar, eu sou a Tapete-persa, foi nítido que ele ficou muito sem graça. Mas por ser negra, e ocupar uma posição na hierarquia, coordenar grupos de pessoas, não é fácil, você precisa, sempre se impor, para ter o mesmo respeito que um branco. Ainda hoje, percebo olhares de espanto quando estou na escola exercendo minha função de pedagoga e preciso fazer atendimento de pais, chegam procurando a direção ou pedagoga, e quando me apresento, percebo olhares. Mas após o meu atendimento sempre saem agradecidos. Amo minha profissão e o que faço, trabalhar como pedagoga e professora”. (Tapete-persa, professora negra, 2022)*

\*\*\*\*\*

### ***Puxando os fios***

*“Eu acredito que escrever sobre a nossa trajetória é uma atitude muito difícil, porque lembrar de algumas situações pra mim foi buscar mesmo sabe, é como se puxasse um fio que de repente uma memória vai puxando uma outra e você vê que aquilo tem uma ligação e que isso de alguma forma mexe sim internamente. hoje como pedagoga, como professora, como coordenadora eu consigo ter um olhar que às vezes por ter passado com alguma situação eu consigo ter esse olhar diferenciado do meu aluno hoje. Sabe, até no trato, no conversar com o outro. E eu até então não tinha feito essa ligação. E depois que eu passei a escrever a fazer essa narrativa de como é que foi esse processo, como foi essa construção para eu estar aqui hoje, eu vejo que foi enriquecedor sim. E acho que tem coisas que eu ainda posso melhorar muito mais que a gente ainda peca muito em alguns aspectos, mas eu vejo que a minha essência é isso, sabe que a minha trajetória me fortaleceu para eu ser o que sou hoje”.(Tapete-persa, professora negra, 2022)*

### 3.3 Raquelina

#### *Infância de lutas*

*“Sou Raquelina, filha mais velha de 4 irmãos, pais semi-analfabetos com uma mãe que sempre acreditou no poder transformador da educação como base para um futuro melhor. realizei o percurso pela Educação infantil pública em Contagem através de um projeto social missionário em meados dos anos 1983 a 1984. Morávamos em um aglomerado às margens da BR 381 próximo ao Carrefour Contagem, nos anos de 1985 ocorreu a desapropriação do terreno, onde os moradores foram realocados para casas construídas em Nova Contagem. Algumas pessoas optaram em receber a indenização e comprar em outras localidades.*

*Neste contexto, minha família foi morar na cidade de Ibirité, a escola era particular minha família custeou o meu acesso dos 6 aos 7 anos. tenho a lembrança de realizar exercícios de prontidão, preencher pontilhados e fazer letras abraçadas, exemplos aaa,eee. Aos 7 anos passei a frequentar a 1ª série, passávamos muitas dificuldades para comprar materiais e livros didáticos. Muitas vezes, comprava livros usados e à medida que os usava era necessário apagar as atividades. Aos 8 anos, com o nascimento do meu irmão, chegava correndo da escola para cuidar dele para minha mãe ir trabalhar. Quando ela chegava do trabalho, ela sempre orientava o meu dever de casa. A importância da educação escolar foi muito presente na minha infância. essa vontade de vencer na trajetória educacional. Minha mãe sempre teve um olhar além do seu tempo, sempre fui muito estudiosa apesar das dificuldades enfrentadas”. (Raquelina, professora preta, 2022)*

Logo após o primeiro encontro fui abordada na porta da sala por Raquelina, que veio me relatar um fato que a deixou muito preocupada:

*“Uma criança da minha sala disse que o meu cabelo é muito feio, que eu não penteia o cabelo para trabalhar. Me senti ofendida com esta fala, compartilhei o que vivenciei no grupo de whatsapp dos professores da escola, dizendo que diante daquela situação, pensava que o grupo enquanto educadores que somos, deveríamos fazer alguma intervenção pedagógica sobre o fato. De repente pensar em um projeto para se trabalhar com a escola toda. Fiquei muito surpresa quando vi que minhas colegas achavam que aquilo não era necessário. Não era necessário nenhuma intervenção, pois era”apenas a fala de uma criança”. A fala das colegas me intrigou muito, isso é muito sério”. (Relato oral, Raquelina, professora preta, 2022, fonte:autora)*

A maior preocupação de Raquelina é com a postura das professoras da EMEI, pois para elas aquela situação vivenciada por ela, não tinha nenhuma importância. Aquilo que havia acontecido era apenas coisa de criança.

#### *Ser negra e ter boa aparência*

**...eis a questão**

*“Na adolescência dividia a vida escolar com cuidar dos irmãos e afazeres domésticos, ir nas reuniões escolares quando minha mãe não podia comparecer isso na maioria das vezes. Sempre fui muito participativa nas festividades escolares, festas juninas, gincanas, o meu par da quadrilha era meu irmão ou eu vestia de menino hoje eu entendo o motivo. Minha mãe sempre foi preocupada com a questão profissional dos filhos, eu fazia curso de informática e datilografia. Porém no início da vida adulta sempre tive problemas para arrumar emprego formal entregava currículos e nada, na época tinha que ter boa aparência, para o mercado. Eu não tinha, sou negra*

*No ensino médio eu fiz o curso de magistério, não me engajei na profissão na época, tinha as chamadas nas escola do Estado eu não podia acompanhar por estar trabalhando de doméstica, de faxineira. Conseguir engajar a Educação trabalhando em uma creche no ano de 2002 e em 2006 fui para a universidade particular PUC. Não consegui bolsa pela instituição por meio de alguns colegas descobrir uma associação que ajudava com 50% de bolsa, a fundação José Fernandes de Araújo, foi assim com muita luta que consegui terminar o curso. No início do curso de pedagogia eu já era mãe. Associar a maternidade ao trabalho e ao curso não foi tarefa fácil. Muitas vezes levei a minha filha comigo. Concluí o curso, e já entrei no serviço público, de contrato na prefeitura de Contagem. E assim fui realizando vários processos, até ser aprovada em BH e também na prefeitura de Ibirité. Já passei pelas prefeituras de Betim e Sarzedo também. Realizei a primeira especialização seis meses após o término do curso de Pedagogia”. (Raquelina, professora preta, 2022)*

\*\*\*\*\*

**A menina negra e o trabalho Infantil**

*“A trajetória profissional se deu desde pequena, aos 10 anos cuidando de uma vizinha recém operada, e com a responsabilidades de ajudar nos afazeres domésticos. Aos 16 anos minha mãe quebrou o braço e eu cobri sua licença no condomínio que ela trabalhava. Aos 17 comecei a trabalhar de doméstica, sempre procurei outros empregos que não fosse nesta área, porém esbarrava na questão "boa aparência", concomitante fazia o curso de magistério. No magistério iniciei meu trabalho em uma creche comunitária recebia menos de salário mínimo. Depois de 10 anos sem estudar comecei a graduação em pedagogia, a partir daí melhorou um pouco as condições salariais, atuei como estagiária na pedagogia empresarial por 3 anos, área de encaminhar estudantes para estágios em empresas, atuei como estagiária também no instituto Unibanco. Desde a conclusão do curso de pedagogia sempre atuei como contratada nos municípios de Contagem, Sarzedo, Betim e Ibirité. Em 2014 fui nomeada em concurso público na PBH, e em 2019 em no município de Ibirité”. (Raquelina, professora preta, 2022)*

\*\*\*\*\*

**Sensibilidade na profissão**

*“Antes de realizar as oficinas nunca tinha realizado uma auto análise da minha trajetória, foi e está sendo de grande importância esse processo. Está em um lugar de levar o conhecimento a crianças me faz ter um cuidado de propiciar-las acessos que antes me foram negados, ou pelas condições financeiras ou pelo racismo estrutural arraigado na sociedade, exemplificando posso considerar que todas as minhas meninas e meninos*

*independente da cor ou da estrutura capilar são princesas e príncipes (antes somente as crianças de pele clara eram consideradas), ou ter a sensibilidade de elogiar meu aluno mesmo que suas roupas não estejam tão limpas ou não esteja com o banho em dia, (não porque ele quer as situações da vida assim o fizeram), elogiá-lo por aquilo que ele é ou fez, e tirar um sorriso de um rosto tão acostumado aos não da vida. Ser professora é isso onde muitos não vêem, eu vejo possibilidade de plantar a semente. Se os frutos forem colhidos é ótimo, mas senão nunca deixar de semear”.* (Raquelina, professora preta, 2022)

### 3.4 Coração partido

#### ***O sonho de ser professora***

*“A minha infância foi marcada por muitos episódios que me levaram mais tarde a me tornar professora. Pequena ainda, eu dava aula para minhas bonecas e alunos imaginários. Quando aprendi a ler, comecei a devorar livros, revistas em quadrinho, panfletos, tudo que eu conseguia ler me dava um enorme prazer. Na adolescência vi irmã, primas e amigas se tornarem professoras; mas ainda não me enxergava “professora”, queria ser médica. prestei vestibular, e sempre que podia dava aulas para amigos e vizinhos. O ensinar gritava dentro de mim. Só na maturidade, me vi desabrochando para a profissão de professora. A infância e as minhas “brincadeiras” de ser professora vinham sempre em minha mente.*

*Quando eu era criança, sempre meus avós diziam: essa neta vai ser professora, vive com dicionário debaixo do braço, lê tudo que acha pela frente, ensina os outros primos as lições de casa. Não vai ser outra coisa, a não ser professora!*

*E assim aos 48 anos, depois de uma faculdade de Relações Públicas, enfim fiz magistério e Pedagogia, oficializando um “despertar” para a Educação”.* (Coração partido, professora parda, 2022)

\*\*\*\*\*

#### ***Os impactos das diferenças físicas***

*“A minha adolescência foi marcada por episódios de muita insegurança. Eu sou uma pessoa fisicamente diferente de tantas outras com os quais convivo e convivia ao longo dos meus 63 anos de vida. Tinha sonhos como toda adolescente, mas me privava de lutar por eles principalmente no âmbito emocional. Me vi arrebatada na história de Bárbara. Eu gostava de um menino da minha sala considerado o mais bonito. Mas a minha aparência física me impedia de sonhar com a possibilidade de que ele pudesse gostar de mim. Com o passar do tempo, fui mudando meu jeito de pensar e com o incentivo de professores que me cobriam de elogios e carinho, passei a ver as diferenças com os olhos do “ coração”. Isso me possibilitou construir valores sólidos de respeito e empatia diante da diversidade. Me tornei querida por todos, tive relacionamentos muito enriquecedores, era sempre requisitada para todas as ações da escola, família e outros grupos sociais que convivia. Hoje vejo o quão necessário que em primeiro lugar, devemos nos amar, pois esse é o primeiro passo para que as pessoas nos respeitem. A partir do momento em que tomamos “posse” de nós mesmos é que os outros nos vêm diferentes mais únicos”.* (Coração partido, professora parda, 2022)

\*\*\*\*\*

### **Empoderamento e realização profissional**

*“Eu me tornei empoderada profissionalmente aos 45 na profissão de professora. Estudei em escolas públicas no ensino fundamental, em escola particular até o ensino superior. Foi um período conturbado pois me cercava de muitas dúvidas quanto às minhas escolhas profissionais. Fiz o caminho inverso. Cursei pedagogia primeiro e só depois o magistério. Foi concluído numa escola estadual. Os constrangimentos que sofri ao longo dessa minha trajetória profissional foram em relação à idade e sobretudo à uma cultura social de tratar professores como “tios e tias” por parte da sociedade. Presencio até hoje situações constrangedoras em relação à profissão, pois a sociedade ainda não se deu conta da magnitude da educação para transformar vidas. Hoje eu me sinto muito mais segura em relação à minha profissão do que quando me formei. A maturidade profissional, aliada à certeza de que essa foi a minha melhor escolha me fazem muito feliz. Amo minha profissão, amo o público que atendo e me sinto completamente realizada”.* (Coração partido, professora parda, 2022)

\*\*\*\*\*

### **Reflexões...**

*“Escrever relatando fatos passados, coisas que aconteceram na minha trajetória profissional, foi bom porque eu consegui parar para refletir algumas coisas que me aconteceram, alguns preconceitos que eu passei, então foi muito bom, muito enriquecedor, porque quando você volta ao passado você consegue entender muitas coisas que refletem em sua vida profissional atual então eu gostei muito e gosto muito desta função de relatar as coisas, porque eu tenho mais dificuldade de falar do que de escrever, então pra mim foi muito enriquecedor. eu pude analisar, refletir e muita coisa que antes eu fazia e não sabia e agora eu já consegui me situar”.* (Coração partido, professora parda, 2022)

## **3.5 Rosa-do-deserto-de-verão**

### **A menina estudiosa**

*“Eu iniciei minha vida escolar em uma escola, onde minha mãe que só tinha 4ª série era a professora. Isto era no interior de Minas, e não tinha professor. Minha primeira professora foi uma prima que também só tinha a 4ª série, mas era muito respeitada. Eu me sentia muito acolhida neste lugar. Eu era muito amada, até porque eram tios e primos os professores. Eles falavam que eu era muito inteligente, com 7 anos eu já estava lendo e eu ajudava os outros meninos. Mas com 7 anos eu me mudei de estado, fui para Rondônia no mês de outubro. Chegando lá foi o tormento começou os bulling's, eles pegavam muito no meu pé. Lá era uma cidade de imigrante. Era o povo que veio do Paraná que veio do Rio Grande do Sul, então assim lá era uma grande mistura, tanto onde a gente morava se chamava Imigrantinópolis. Que era muita gente assim diferente mas a maior parte era branco. Os meninos pegavam muito no meu pé, me apelidavam muito sabe, não me davam um sossego, assim de ficar ameaçando mesmo. Aí teve um dia o meu irmão saiu nos tapa com menino pra me defender.*

*Brigou mesmo juntou uma turminha em volta da gente tudo que ela briga isso aí com meu irmão deu um soco no rosto do menino que levantou assim aí foi onde eu der sossego pra nós. Aí não mexeram mais comigo depois disso. Mais eu vejo assim que por mais que eu me esforçasse por mais que eu fosse uma boa aluna que eu nunca fui vista. Tipo assim eu era invisível e eu me esforçava muito para ser boa aluna e eu queria me destacar eu tinha de fazer algo de seu diferencial, mas assim as pessoas não me enxergavam. Hoje eu vejo o porque disso entendeu! Eu nunca ia ser bom o suficiente. Hoje eu entendo porque que eu nunca era bom suficiente mas assim a eu me esforçava fazia de tudo as pessoas falavam pra ser boa, pra ser elogiada, mas eu nunca tive isso. Eu vivia... eu me lembro assim que eu vivia nessa busca sabe pra ser boa, pra ser obediente pra fazer o melhor. Quando foi na adolescência a gente muda pra cá de novo, sai de Rondônia e volta pra cá, porque o meu pai adoeceu e a gente veio pra cá com meu pai pra ele tratar porque teve problema de coração. A gente chegou em janeiro e ele faleceu em outubro. Minha mãe viúva com cinco filhos aquela loucura. Quando a gente veio pra cá foi outra situação. Saímos de Rondônia, uma “roça”, interior e vem pra cidade, pra capital e minha mãe sempre cortou meu cabelo curtinho porque dava muito trabalho e não tinha nem creme não tinha produto para usar. Ela cortou curtinho então eu era Joãozinho e aí assim era apelido, aquela coisa de meninos nossa não dava um sossego, e a gente não tinha nenhuma chance mesmo. E aí continuava essa questão mesmo por exemplo eu sempre gostava muito de estudar eu ajudava os meus colegas todos na matemática eu sempre gostei de ajudar de ir lá de ensinar, mas esse destaque sabe, nunca veio e hoje eu entendo o porque disso rrsrrsrr. Eu me formei e sempre fui doida pra ser recepcionista, porque eu sempre gostei de tratar bem as pessoas. Eu queria ser secretaria, para receber as pessoas com um sorriso no rosto. Então eu fiz o curso de recepcionista, fiz datilografia, fiz Informática pra tentar uma colocação no mercado. E só consegui trabalhar em casa de família. E aí no supermercado, que foi uma vez que eu estava batalhando pra conseguir um emprego. A minha mãe conseguiu um emprego, ela tem a pele mais clara. Ela foi sem mim, conversou com o dono do supermercado e ele arrumou a vaga. Eu trabalhei lá por seis meses como balconista. Este foi o único emprego que tive sem ser na área pública, porque foi o único serviço que eu consegui. A partir daí comecei a estudar pra concurso público. Veio a oportunidade de fazer o magistério, veio o pós médio e comecei a estudar pra entrar numa faculdade entrei pra área da Educação”. (Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022)*

\*\*\*\*\*

### ***Adolescência invisível***

*“Minha adolescência foi marcada pela morte do meu pai quando eu tinha 12 anos. Mas continuei uma boa aluna, apesar de ter que cuidar da casa e dos 4 irmãos para minha mãe trabalhar. Minha auto estima era péssima, me achava feia, e ninguém se interessava por mim. Era a melhor amiga do menino que eu gostava. Era o cupido para minhas amigas e primas. Quando comecei a namorar com um garoto negro da minha sala. Foi meu único namorado casei aos 19 anos”. (Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022)*

\*\*\*\*\*

### ***Invisibilidade negra***

“Vou citar um fato recente aqui na escola: Chegou um cara da segurança do trabalho da MGS, porque uma auxiliar de apoio tinha caído da escada e ele veio fazer o registro. A direção estava de férias então a responsável seria eu. Ai eu fiquei fazendo levantamento porque a funcionária era novata não tinha registro dela na escola, então eu fiquei procurando nome completo, procurando tudo que ele precisava lá para preencher o questionário, correndo atrás de tudo que ele. Quando ele chegou foi Simone quem o recebeu e o levou até a sala né. Ai toda hora ele perguntava:

— Quem é a responsável? e eu falava que na ausência da diretora eu que respondo. quando a Simone entrou na sala ele falou assim:

— Qual o seu nome e seu BM? Assina aqui pra mim por favor

Aí eu fiquei olhando para a cara dele, ela estava resolvendo outras coisas o tempo todo dentro da escola e eu que estava atendendo ele, mas na hora de pegar o BM e assinatura não podia ser o meu não. E assim como diz a lili né é porque eu estava super discreta nesse dia, eu estava com um turbante azul na cabeça. Então ele simplesmente me ignorou e eu fiquei olhando pra cara dele assim. porque eu que estava respondendo preenchendo o questionário com ele tudo atendendo ele enquanto ela resolvia as outras coisas, no final quando ela entrou na sala ele falou assim;

— Você me atendeu tão bem, qual o seu nome e seu BM assina aqui pra mim. E eu não assinei em nada, ele não pegou nem meu nome nem o meu BM, nada. Simples assim... Eu costumo dizer pras meninas ali que muitas vezes é como se a gente fosse invisível, às vezes as pessoas chegam ali na coordenação e me encontram, as pessoas falam assim:

— Não tem ninguém aí não, e sai. Eu acho que eles devem pensar assim ela não vai saber resolver. Outro dia chegou uma mãe ali na porta, chegou, ficou e eu conversei com o menino, e ela na porta e não falou nada. Aí a Simone entrou depois na sala e falou a mãe desistiu e foi embora porque ela queria saber de não sei o que, aí eu falei mas eu sabia, eu tinha que resolver isso e isso pra ela e já estava resolvido, eu sabia do caso, mas ela foi lá me viu conversando com o menino ficou olhando pra mim, mas foi embora. Isto sempre acontece comigo sabe de ser ignorada eu tenho o poder de ficar invisível (rsrrrsr).” (Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022)

\*\*\*\*\*

### ***Nas trilhas de afeto da vida profissional***

“Eu acho que durante essa questão assim me fez parar pra pensar mesmo né, refletir que às vezes a gente até ignora situações que aconteceram na infância e na adolescência que ia passar despercebido que a gente foi acostumado a achar aquilo normal e não ver. E a medida que a gente foi refletindo sobre foi fazendo sentido né. Muita coisa que até então eu não entendia, quando eu comecei a escrever e falar sobre foi que eu fui entender que realmente não era uma coisa só minha né. Que muitas vezes acontece algumas coisas e você acha assim... ah isso só acontece comigo né, isso aconteceu comigo, mas aí quando você para pra refletir você vai vendo que tem muitas outras coisas questões além disso. Ai você vai percebendo o racismo, o preconceito em relação às coisas. A partir do momento que volta pra fazer essa reflexão que você toma consciência disso.

“Muitas vezes eu me sinto invisível sabe, as vezes chega alguém ali na coordenação e fala assim: — Oh não tem ninguém não! Eu me sinto invisível! rsrsr

Teve uma situação também que eu estava na sala pra acolher as crianças e chegou uma mãe pra dar o recado do menino né, eu acho que era o remédio que tinha pra tomar, alguma coisa. Aí eu estava na porta toda receptiva,



sorridente, e ela começou a conversar com a auxiliar que estava no fundo da sala com os meninos e com jogos, dando o recado e a menina ficou toda constrangida porque eu estava na porta e ela me ignorou completamente na porta dando o recado para a auxiliar. Ai a auxiliar falou não você pode passar para a professora que ela vai dar o remédio. Ela me olhou assim e não ficou satisfeita e continuou falando com a auxiliar os horários de remédios que estavam escritos na agenda me ignorando completamente na porta

Olha eu acredito assim que tenha mudando na minha vivência pedagógica a gente vai sentindo mais essa necessidade de que isso seja trabalhado mesmo que as vezes a gente as vê pessoas torcendo o nariz, que não gosta, que só o negro tem que trabalhar sobre consciência negra, que só o negro tem que trabalhar a lei. Porque parece que o assunto fica chato, parece que você está incomodando, mas assim além disso o que eu tenho procurado fazer de diferente é acolher as crianças negras, sempre assim em situações, acolher do nada mesmo para que elas não se sintam invisíveis como eu me sentia a valorizar mesmo tudo que elas fazem desde a acolhida sabe, quando eu vejo que está no cantinho, mas tímida, porque eu sei que já é um perfil tem de se esconder, que tende de estar mais no cantinho. De eu ir lá de abraçar e falar como você esta linda hoje, como esta lindo seu cabelo. Porque muitas vezes elas nunca ouvem isso, então quando você fala elas te olham com uma carinha assim: Você está falando comigo mesmo, tem certeza que é de mim que você esta falando, então assim eu tenho procurado fazer essa diferença na vida das crianças que convivem comigo pra que elas não cresçam com esse sentimento assim sabe então eu sempre procura abordar e mesmo com os professores mesmo às vezes a gente percebendo que não agrada tanto, mas sempre conversar sobre o assunto, o que pode o que não pode, o que correto e o que não é, igual agora no mês da consciência negra a gente conversou antes que tipo de trabalho, que isso é legal de fazer, já antes de surgir algum trabalho que não é bacana. Se fosse iniciativa privada talvez eu não tivesse a oportunidade de chegar numa coordenação, direção no serviço público as pessoas acabam conhecendo seu trabalho e você acaba tendo essas oportunidades. Mas eu tenho consciência que se fosse no serviço privado, a gente dificilmente consegue ter algum destaque, a gente fica ali sempre invisível. Então eu procuro também fortalecer as colegas que ainda não tem essa consciência, sempre que eu trabalho com mulheres negras eu também gosto de conversar com elas sobre o assunto. E é como diz a minha colega, ela descobriu que era negra aos 40 anos né porque até então ela não sabia que era negra, rsrs então aí que ela começou a conhecer o cabelo, a se conhecer. Eu gosto de ter essa conversa de trabalhar sempre essas questões no meu dia-a-dia”. (Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022)

### 3.6 Camoensia

#### **Lembranças ausentes**

“Não me recordo tanto da infância, pois minhas memórias não guardam muitas coisas. Lembro-me do meu primeiro dia indo para a escola de chorar e querer minha mãe, porém no segundo dia já queria retornar, sem choro e muito animada. Quando cheguei na escola pública com meus 6 anos fiquei assustada pois havia saído de uma escola particular e pequena. Quando a

*diretora me apresentou a professora tive vergonha e vontade de chorar, mas tentei ficar com calma. Não me recorda mas sei que no segundo dia fui para outra sala e passei novamente pelo processo de apresentação para os colegas e professores. Sempre sentei na frente e nem olhava para o lado, tinha muita vergonha. Uma coisa me marcou na segunda série, foi a professora gritar comigo, porque era para escrever as palavras em 3 linhas e fiz com letras pequenas, ela ficou brava arrancou a folha e jogou no lixo e me mandou fazer de novo, naquele momento queria chorar, mais fiquei com vergonha dos colegas e me senti tão triste e sem entender o porquê daquilo tudo. Passei pela infância bem, porém com muita timidez e poucos amigos. Apenas na igreja consegui me envolver mais, pois falava com adultos e algumas crianças. Na família percebia que todos me achavam boba demais e muito quieta, mas como crianças não percebem tanto essas discriminaçaoe, mas o que me tranquilizava era o apoio da minha mãe. Sempre gostei de brincar, estudar e dançar, isso me deixava feliz. Fico feliz pela minha infância e pelo apoio da minha família”. (Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022)*

\*\*\*\*\*

### **Medos e anseios**

*“Sempre fui uma menina muito tímida, com muitos medos, dificuldade de falar e me expressar em público e até mesmo na família. Sou de uma família que sempre foi unida e meus pais cuidava muito bem dos meus dois irmãos e de mim. Como irmã mais velha, tinha uma responsabilidade de ser exemplo para meus irmãos, isso vinha da minha personalidade, pois essa cobrança não existia dos meus pais. Estudei em escola pública onde gostava de estar, porém a dificuldade de começar e criar novas amizades me deixava mais sozinha. E quando tive que mudar de escola porque mudei de bairro, ficou mais agravante, acabava que os colegas de sala tentavam conversar, porém conseguia falar com poucos e quando falava. Às vezes como eu era menos em relação aos demais da sala, haviam brincadeiras por ser pequena e menos desenvolvida em vista das outras meninas, ficava triste na hora, porém quando falava com minha mãe suas palavras me motivaram e me falavam para não dar ouvidos. Por ser também da religião evangélica isso fazia diferença para ter maiores entrosamentos, pois certas atitudes não poderiam adequados com o que eu cria. Mas isso nunca me fez sofrer, sempre gostei de ser da forma que eu era. Gostava de estar em casa na escola e principalmente na igreja, pois era onde eu conseguia me expressar melhor, e fazer o que gostava, como dar aula para crianças e dançar. E para isso a timidez diminuía e onde me fez melhorar para me abrir mais todos falam de uma adolescência foi difícil e com rebeldias, porém passei feliz pela adolescência, acreditava que só a timidez pode me ter feito perder alguns momentos, mais isso não me fez arrepender de nada, só tentar melhorar, pois cada momento e cada pessoa tem seu jeito e personalidade que vai se formando com o tempo”. (Camoensia, professora parda, 2022)*

\*\*\*\*\*

### **A invisibilização de sofrimentos**

*“Sou Camoensia, formei os 3 anos do ensino médio e logo que formei fiz prova de vestibular e passei para nutrição, porém na época não fiz o curso, porque não tinha recursos financeiros pra as mensalidades. Mas não demorou muito tempo de decidi tentar o vestibular novamente, e passei para Pedagogia, o que me deixou bem feliz. Durante a caminhada não foi fácil,*

*muitas dificuldades, porém foram vencidas e consegui me formar. Logo que me formei consegui já trabalhar na área como professora da Educação Infantil, claro que ganhando pouco em escola particular de bairro, porém contente em ter a chance em mostrar meu trabalho recém formado.*

*O sentimento era de apreensão e satisfação, a direção sempre de olhos atentos, pois uma recém formada na sala, achava necessário. No decorrer do processo fui mudando de escola, mas sempre particular e com uma cobrança muito grande. A última escola que trabalhei antes da EMEI contava muito a aparência, a vestimenta, tanto pela escola como pelos pais. Ao ponto de escutar de uma colega de trabalho “Camoensia, você poderia se vestir melhor e passar pelo menos um batom”... Não respondi nada e continuei da minha forma, meu trabalho que era importante, do que a aparência e isso não era questionado por ninguém.*

*E outra coisa que aconteceu, foi quando me demitiram da escola, alegaram ser “porque eu tinha marido e outro emprego”, mas o profissional não tinham nada a reclamar. Agradei a oportunidade e pronto. Já estava na EMEI e fiquei feliz por me dedicar apenas a ela.*

*Mas percebemos várias questões, que não é somente a cor, raça, valores... São uma totalidade de condições que o ser humano cria em suas cabeças e círculos de amizades ou trabalhos. Na EMEI meu profissional ficou ainda melhor, e em questões de convivência, sempre fui tranquila. Me sinto realizada como profissional, e feliz por poder trabalhar muitas questões com os alunos que antes não poderia fazer. Não me arrependo da profissão que escolhi, mas fico triste pela falta de valorização do governo e de algumas pessoas que não entenderam o que é ser “PROFESSORA”. (Camoensia, professora parda, 2022)*

\*\*\*\*\*

### ***Lembranças e emoções***

*“Eu fazendo esses relatos desde a infância, adolescência, ensino médio, trajetória profissional, isso me trouxe lembranças, lembranças de cada momento, de cada escrita, lembranças boas, lembranças ruins, mas todas cheias de sentimentos e mesmo que se passou várias situações ainda assim temos aprendido com tudo isso. Então assim foi um momento muito rico, momento de lembrar mesmo, de fazer algumas coisas iguais outras não, de nos policiarmos como pessoa, como profissional com os nossos alunos, com a sociedade em si. Então assim, querer ser melhor né então traz a lembrança se eu vivi aquilo e foi ruim pra mim eu não quero fazer isso com o outro seja ele com o aluno, com o colega de trabalho, a sociedade em si né na convivência. Então assim é um turbilhão de sentimentos que a gente tem mais com muita gratidão de ter passado por tudo e ter aprendido e ter principalmente aprendido que é o principal. Eu acho que tudo a gente tem que tirar na vida um aprendizado. Então foi isso a gente sente várias emoções, isso nos faz bem, nos faz lembrar pode nos fazer mal ao primeiro momento mas a gente lembra que aquilo nos fez ser fortes e ser melhores e ser melhor pro outro também. Muito obrigado, foi um momento muito rico e valeu muito a pena”. (Camoensia, professora parda, 2022)*

## CAPÍTULO 4 - IMPRESSÕES FINAIS

Trazer a escrevivência de professoras negras que compartilham comigo a atuação na educação infantil foi algo que me fez sentir muito feliz. Contento por estar pesquisando pessoas como eu foi uma forma de me encontrar em meio a elas. A superação dos desafios enfrentados nesta caminhada acadêmica valeu muito a pena! Valeu conhecer todas as pessoas: as que me ajudaram e aquela que preferiu manter uma distância de um corpo negro.

Além deste lugar de mulher negra, eu e as co-escritoras desta pesquisa ocupamos o lugar de professoras da Educação Infantil da rede municipal da cidade de Belo Horizonte, na qual o trabalho pedagógico, com base nas diretrizes curriculares do município, tem o foco em uma proposta educativa de valorização do sujeito, de sua cultura e sua identidade. Esta educação visa desenvolver em nossos estudantes o senso crítico por meio das identidades individuais e culturais e problematizar os diversos saberes ancestrais presentes em nossas lembranças para usufruirmos do conhecimento de nossos antepassados ao longo de nossa caminhada. Ao educarmos focando nesta diversidade, estamos potencializando nas crianças uma autoafirmação enquanto sujeitos no mundo. Para nós professoras, sabermos que o lugar que ocupamos é auto afirmar e demarcar o nosso lugar nesta sociedade. O lugar de ser mulher negra.

Nesta proposta de escrevivência interdisciplinar e decolonial nossa intenção foi registrar saberes encarnados em e por corpos negros de fora da academia, o que nos ajudou a produzir uma proposta metodológica em uma forma de aquilombamento. Aquilombei-me com elas a partir do momento em que nossos caminhos se entrelaçam nas encruzilhadas da vida. E tal entrelaçamento deu origem a esta pesquisa que apresenta como principal contribuição os relatos potentes de mulheres professoras negras. Estes relatos nos ajudam a responder as perguntas de pesquisas apresentadas no projeto, pois descrevem as reminiscências de formação dessas professoras que atuam na Educação Infantil e nos ajuda a compreender a trajetória dessas mulheres professoras negras pontuadas nos escritos de suas infâncias, adolescências e trajetória profissional; e os impactos positivos e negativos que estas trajetórias trazem para as práticas pedagógicas desenvolvidas por elas.

Como ponto positivo temos as estratégias desenvolvidas pela maioria das professoras participantes em procurar desenvolver em crianças negras o empoderamento para que elas tenham uma trajetória diferente da que elas tiveram. Fazer com que a invisibilização da pessoa negra se torne visivelmente positiva, mostrando para esta sociedade colonialista que a mulher negra professora, co-autora deste estudo, é uma profissional capacitada e que a cor de

sua pele não é argumento para que ela seja tratada de forma diferenciada e inferiorizada.

Como ponto negativo trazemos a questão da falta de perspectiva identitária que em alguns momentos são demonstrados e principalmente por uma das professoras, Camoensia, que traz esta questão de forma muito forte em seus relatos. Fato que impacta diretamente em sua prática pedagógica quando ela não percebe situações de racismo dentro da instituição escolar e naturaliza todas as atitudes de discriminação ocorridas neste ambiente.

De acordo com os relatos escritos das professoras, faço agora uma apresentação minha, sob o ponto de vista analítico dessas mulheres negras professoras: Lírio africano é uma professora que nunca brincou, que teve o primeiro contato com as brincadeiras infantis em seu fazer pedagógico enquanto professora da educação infantil. É uma mulher que se supera todos os dias, vencendo suas limitações e os diversos preconceitos sofridos ao longo de sua vida.

Tapete-persa foi uma criança que teve o direito de brincar tolhido pelo seu tom de pele. A superação de seus traumas resultou em uma profissional que se aperfeiçoa dia-a-dia com foco em um ensino de qualidade onde o respeito às individualidades culturais das crianças está em primeiro plano.

Raquelina era moradora de um aglomerado que através dos estudos hoje se destaca em seu trabalho. Mulher de garra que aproveita todas as oportunidades que a vida lhe proporciona para o seu crescimento profissional. Coração partido é uma professora totalmente fora dos padrões estabelecidos pela sociedade em todos os sentidos. Se supera a cada dia com a sua forma encantadora de lidar com as crianças, de ensinar e de aprender.

Rosa-do-deserto-de-verão é uma professora que luta cotidianamente em busca de reconhecimento para si e para as crianças negras da instituição. Seu lema é empoderar-se.

Camoensia, a professora sem batom que se invisibiliza na perspectiva de sua identidade individual naturalizando todas as ações que envolvem discriminação.

A contribuição metodológica desta pesquisa está embasada nos ateliês de escritórias que foram construídos a partir dos cenários controversos, ou seja, *flash's* de fatos de minha trajetória que foram entrelaçados à trajetória das professoras negras. Esta metodologia teve um resultado positivo neste trabalho, pois a forma como os ateliês aconteceram proporcionou às professoras estar à vontade para realizar a escrita de passagens de suas vidas e refletirem nestes momentos relacionando com as suas práticas pedagógicas. Além de relacionar, elas conseguiram perceber pontos positivos e negativos neste processo. Eu também pude, a partir dos ateliês, fazer uma reflexão sobre a minha trajetória juntamente com as trajetórias das co-autoras. Percebi que todas nós temos pontos em comum em nossas trajetórias que influenciam para que tenhamos uma prática pedagógica com foco em uma

educação antirracista.

#### 4.1 Concluindo... Infâncias atravessadas

E nesta busca incessante percebo que estas professoras trazem marcas em suas infâncias que se aproximam muito da escrita de Conceição Evaristo. Famílias numerosas, pais semi-alfabetos que sempre se preocuparam com o estudo dos filhos, pois almejam que eles tivessem uma realidade diferente daquela por eles vivida. Outro fato em comum relatado no escrito das infâncias é o deslocamentos para outras cidades em busca de melhores condições de vida. Das seis professoras que participaram da pesquisa, três delas são oriundas do interior e as famílias vieram para a capital em busca de melhores condições de vida. Raquelina é uma delas, e também era moradora de um aglomerado<sup>16</sup>, que é um conceito que foi trabalhado por Dias (2018) e uma realidade vivida e relatada por Maria Carolina de Jesus (2014) em Quarto de despejo. Carolina afirma que “a favela é o quarto de despejo de uma cidade” (p.169), e esta favela em que ela menciona sob forma de uma diário relatando todas as suas vivências se assemelha com a realidade do aglomerado no qual Raquelina expressa parte de sua infância com suas vivências divididas entre o estudar e cuidar dos irmãos para a mãe trabalhar. *“Morávamos em um aglomerado às margens da BR, próximo ao Carrefour. Aos 8 anos com o nascimento de meu irmão, chegava correndo da escola para cuidar dele para minha mãe ir trabalhar”*. (Raquelina, professora preta, 2022)

O trabalho na infância também é algo comum entre as professoras pesquisadas. Lírio Africano fala sobre um fato que ainda nos dias de hoje levanta uma grande discussão: *“Eu nunca brinquei, eu nunca tive brincadeira. Hoje eu até tenho muita dificuldade em brincar, eu não sei brincar por mais que eu me esforce saber, mas é porque eu não fui criada brincando, eu fui criada trabalhando”*. (Lírio Africano, professora parda, 2022)

O Brasil vem de uma longa história, como cita Rizzini (2007), que desde os tempos da escravidão do Brasil Colônia e Império, crianças escravizadas já trabalhavam em funções servis. E as crianças negras, mesmo após este período escravocrata, continuam desempenhando essas funções, ora para ajudar a família, ora para ajudar no sustento casa, que é o caso de Lírio africano. É perceptível que essas professoras tiveram uma infância marcada por vários fatores que são frutos desse período de escravização. Estas infâncias atravessadas, como eu as nomeio na dissertação, são as portas de entrada para que essas professoras tenham

---

<sup>16</sup> É o princípio da união na diferença, seja nas diferenças internas dos bairros ou nas diferenças entre eles. Aglomerado de Bairros Populares é um conceito proposto nessa pesquisa, fundado na concepção de unidade na diferença do bairro popular.. (DIAS, 2017, p. 120).

as negras adolescências descritas com fatos que marcaram suas vidas negativamente, mas que trouxeram força e vontade de ter/proporcionar aos seus estudantes realidades diferentes das que elas tiveram. Uma realidade pautada no empoderamento e na construção identitária positiva.

#### 4.2 Adolescências invisíveis

Nestas adolescências, as professoras além de dividir a vida escolar com o cuidado com os irmãos e afazeres domésticos, foram em sua maioria invisibilizadas por causa do seu tom de pele, sofriam racismo de diferentes formas e tinham como marca em suas vidas uma trajetória com muita dororidade. Episódios marcantes em suas vidas foram contados e escritos. Coração Partido, Raquelina e Rosa-do-deserto-de verão trazem relatos semelhantes desta fase:

*“A minha adolescência foi marcada por episódios de muita insegurança. Eu sou uma pessoa fisicamente diferente de tantas outras com as quais convivo e convivia”(...)”Mas minha aparência física me impedia de sonhar com a possibilidade de que eles pudesse gostar de mim”. (Coração Partido, professora negra, 2022)*

*“Na época tinha que ter boa aparência, para o mercado. Eu não tinha, sou negra”. (Raquelina, professora preta, 2022). “Minha auto-estima era péssima, me achava feia, e ninguém se interessava por mim”. (Rosa-do-deserto-de-verão, professora preta, 2022)*

Nestes relatos, podemos concluir que as professoras que se autodeclaram pretas sofrem mais preconceitos do que as professoras que se autodeclaram pardas. E as suas vivências relatadas demonstram isso com muita nitidez. Neste período da adolescência, elas buscavam estratégias para se destacarem de alguma forma e obter algum tipo de reconhecimento. Outro fato que me chamou muito a atenção foi relatado por Raquelina que diz: *“O meu par de quadrilha era o meu irmão ou eu vestia de menino hoje eu entendo o motivo disso”.*(Raquelina, professora preta, 2022). Já no campo profissional a tentativa por uma colocação no mercado de trabalho, com um emprego no qual se tivesse um reconhecimento, também era uma tarefa difícil.

A invisibilidade é algo que compõem os escritos e as vidas dessas mulheres professoras. Gomes (2005, p.43) afirma que para “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras

brasileiros(as)”. Esta negação de si é externalizada por Raquelina quando relata o fato de ter de se vestir de homem para participar de um evento na escola. Ou seja, para ela ser aceita naquele contexto, teria que negar a sua identidade feminina para ter o direito de participar.

Esta falta de aceitação também é algo muito forte no relato de Rosa-do-deserto-de-verão, quando menciona que ninguém se interessava por ela. Esta realidade das professoras também é a realidade de muitas de nossas crianças e adolescentes negras até os dias atuais. Penso que devemos fazer uma reflexão a todo o momento sobre esta realidade. O que será que nós educadoras/professoras estamos fazendo para mudar esse cenário? Que práticas eu utilizo em minha sala de aula que podem propiciar uma reflexão neste sentido? Eu como professora consigo contribuir para esta mudança?

#### **4.3 De cuidadora à professora**

Muito feliz me sinto ao ler os escritos de Rosa-do-deserto-de-verão que faz essas reflexões a todo o momento. Ela traz fatos de sua vivência profissional que se remetem ao racismo sofrido, mas que ao mesmo tempo demonstra com exemplos estratégias que desenvolve para potencializar a identidade negra. E percebo que estes recursos que ela utiliza transforma o que seria para ela um fato doloroso em ações que fazem com que as crianças negras nas quais ela enquanto professora desenvolve papel de educar, não passem pela mesma situação em que ela passou. Rosa-do-deserto-de-verão procura desenvolver nestas crianças um empoderamento, uma aceitação de sua raça de modo que elas se sintam acolhidas e respeitadas pelas outras pessoas. Ainda ressalta que se trabalharmos estas questões com as crianças, podemos proporcionar que elas tenham uma infância e adolescência bem diferente da que ela teve. Raquelina também traz reflexões neste sentido, principalmente sobre as posturas profissionais de alguns professores. Isto no sentido de ter mais conhecimento sobre o tema das relações étnico-raciais para estar preparado para fazer as intervenções necessárias em uma sala de aula quando surgir alguma situação em que professor ou estudante sofre racismo. Diante do exposto asseguro que a formação, principalmente a formação em serviço contribui muito para que a educação antirracista seja trabalhada nas instituições.

Desenvolver esta pesquisa, ouvir e ler os relatos de professoras negras que atuam na educação infantil, nos sinaliza e nos faz perceber o quanto ainda, mesmo estando em pleno século XXI, estamos em uma sociedade racista que se comporta com atitudes do tempo colonialista. E cada um vai desenvolvendo a sua estratégia de sobrevivência nesta sociedade racista. De um lado temos cinco professoras com um pensamento em comum, atitudes



semelhantes que lidam com estas questões raciais com o intuito de trazer reflexões para as crianças e para seus pares, desenvolvendo ações antirracistas em seu local de trabalho com as crianças, com os pares e com as famílias.

Analisando essas narrativas percebi vários pontos em comum principalmente nas trajetórias de vida das cinco professoras mais velhas deste estudo, que apresenta vários pontos interseccionais como serem oriundas de famílias numerosas, seus pais terem pouca escolarização que almejavam melhores oportunidades para os filhos e isto é uma marca da maternidade negra. A necessidade de buscar por melhores condições de vida migrando para outras cidades e tendo precárias condições financeiras. Essas professoras, como a maioria da meninas negras, tiveram responsabilidades muito cedo com relação aos afazeres domésticos e quando lhes era oportunizado um trabalho fora de casa, sempre desenvolvendo atividades servis caracterizando a subalternidade do trabalho. Todas elas estudaram em escolas públicas, algumas vivenciaram a dolorosa experiência do abandono escolar e da jornada dupla entre maternidade e trabalho.

A negação que resulta no reconhecimento do cabelo crespo anda lado a lado com a tão sonhada profissão do magistério, da responsabilidade social em desempenhar as suas funções combatendo o racismo estrutural, do racismo através dos *bulling's*, da invisibilidade do povo negro.

Essa negação na perspectiva da identidade individual, o não se reconhecer negra e a invisibilização das discriminações sofridas também são pontos fortes que foram analisados nos relatos de uma das professoras nessa pesquisa que nomeio como Camoensia. Ela é uma professora mais nova, que nasceu duas décadas depois das demais professoras, que desenvolve uma estratégia diferente de sobrevivência nesta sociedade. Vejo como uma estratégia de negação. Em seus relatos sempre fala que é muito tímida e que não tem muitas lembranças como demonstrado no trecho a seguir; “*Não me recordo tanto da infância, pois minhas memórias não guardam muitas coisas*”. (Camoensia, professora parda, 2022) Percebe-se que Camoensia diz não se recordar de fatos marcantes em sua vida. Seus relatos são sempre bem superficiais. No encontro de socialização, quando as professoras conversaram sobre como foi escrever suas vidas e relatar fatos que as marcaram de alguma forma, Camoensia disse que não tinha nada a relatar e sobre as colocações de Raquelina e Rosa-do-deserto-de-verão, ela disse que nunca viu, que não percebe essas coisas na instituição. Isto tudo numa tentativa de naturalizar os fatos. Eu percebo isso como uma forma escolhida por Camoensia para dizer que está tudo bem, uma forma de aceitação da condição que as pessoas a colocam. Em um trecho de sua escrita, ela cita que:

*“A última escola que trabalhei antes da EMEI contava muito a aparência, a vestimenta, tanto pela escola como pelos pais. Ao ponto de escutar de uma colega de trabalho “Camoensia, você poderia se vestir melhor e passar pelo menos um batom”... Não respondi nada e continuei da minha forma, meu trabalho que era importante do que a aparência e isso não era questionado por ninguém”. (Camoensia, professora parda, 2022)*

A forma como Camoensia naturaliza a situação nos indica o seu posicionamento diante de algumas situações. O preconceito com relação a sua vestimenta está nítido, porém ela não o reconhece como tal. Fico a pensar: Será que Camoensia ao longo de sua vida nunca sofreu outro tipo de discriminação? Penso que ela tenta neutralizar a situação dizendo que o que importa é o seu trabalho. Camoensia é uma professora que sempre executa seu trabalho de forma a não deixar arestas para que o outro realize alguma crítica. Esta é a estratégia utilizada por ela para não dar visibilidade às outras coisas que acontecem ao seu redor.

Finalizo minhas colocações com as minhas impressões sobre a conversa final que aconteceu no encontro de socialização com as professoras. Além de elas externalizarem o quanto foi bom realizar este trabalho, relembrar fatos que marcaram infância, adolescência e trajetória profissional, as professoras apresentaram várias situações vivenciadas no cotidiano escolar que demonstram que nesses ambientes, nos dias atuais, ainda acontecem situações de racismo. Situações até mesmo entre colegas de trabalho e entre profissionais da escola e comunidade escolar. Fato que nos ajuda a afirmar que isto tudo é fruto de uma sociedade colonizadora, que ainda oprime, desvaloriza as diversas culturas existentes, não respeita a individualidades e maltrata principalmente as mulheres professoras negras.

## CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir esta pesquisa me traz um grande alívio no peito. Alívio por entender que este processo doloroso que eu passei desde a minha infância até chegar aqui, é algo que compartilhei e me solidarizei com as professoras negras co-autoras deste trabalho que também compartilham do mesmo sentimento. Ser mulher negra autodeclarada em nossa sociedade é algo muito desafiador, e esses desafios estão ao longo de toda nossa trajetória de vida.

Nesta pesquisa foi abordado em alguns relatos, fatos que só reforçam a minha fala. Quando Raquelina descreve um racismo sofrido em sala de aula pelos seus alunos e propõe uma intervenção pedagógica para o seu grupo de trabalho; é ignorada e ainda escuta de uma colega que aquilo é mi mi mi. Isso deixa muito claro que o racismo estrutural existente em nossa sociedade ainda está muito forte.

Acredito que nós professoras negras temos uma missão muito grande na vida, mas principalmente nas instituições em que atuamos. Temos o dever de sempre trazer essa pauta para os debates escolares, mas sabemos o quanto isso nos custa. As pessoas precisam perceber quando falamos sobre esse racismo sofrido, estamos falando de algo que sentimos, que temos esse lugar de fala para externalizar esse sentimento ruim que estas atitudes nos trazem. Este trabalho nos aponta o quanto as pessoas brancas ou de pele mais claras que participaram desta pesquisa não tem consciência do quanto é doloroso ouvir algumas coisas que sabemos que são expressões racistas, mas que foram naturalizadas por uma sociedade colonialista e discriminatória. Estes debates são necessários para estas pessoas possam ocupar o seu lugar de pessoa branca ou de pele clara nesta educação antirracista que precisamos disseminar pelos espaços escolares. Esta falta de percepção apontada e expressada no relato das professoras, também é muito evidente nas falas de Camoensia.

As histórias vividas relatadas pelas professoras deste trabalho, nos mostram o quanto as suas trajetórias influenciam nas suas formações docentes. Isto mais especificamente com as professoras de pele preta que são as que sofrem os maiores impactos em suas vidas com relação ao racismo no ambiente de trabalho e em suas vidas em geral.

Espero que este trabalho traga para o meio acadêmico uma contribuição num sentido reflexivo com possibilidade de aprofundamento em estudos futuros sobre esta temática. O meu desejo investigativo aflora a cada dia para levar adiante estudos sobre escrituras de mulheres negras professoras, pois ouvir e trazer os relatos dessas mulheres professoras negras empodera, viabiliza e potencializa o lugar de educadora que elas ocupam nesta sociedade. Lugar que através de suas práticas pode servir de inspiração para outros professores

desenvolvam atividades pautadas na lei 10.639/03 com foco em uma educação antirracista, onde as concepções dos professores podem ser alinhadas em função de uma educação mais humanística onde a diversidade tenha lugar. Que essas professoras sejam multiplicadoras de práticas e ações que fomentem e vislumbrem nas crianças o desejo de serem quem realmente elas são independentes da cultura em que estão inseridas.

Creio que a formação de mulheres negras professoras tem início em suas histórias trazidas nas memórias e em suas formações identitárias, que ao entrelaçar com a formação profissional adquirida e a vontade de fazer o melhor por todas as crianças, independentemente da cor ou raça, agrega afeto e sensibilidade resultando em uma educação antirracista com muita potência. Portanto registrar as histórias de mulheres negras a partir de suas próprias falas e registros é tirar essas professoras do lugar da invisibilidade tornando-as protagonistas do seu próprio processo.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas:** Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Rev.Estud.Fem.V 08 n° 1. Florianópolis 2000, p.229-235.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brazil.** Carta de Lei Registrada na Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio do Brazil a fls. 17 do Liv. 4º de Leis, Alvarás e Cartas Imperiaes, Rio de Janeiro, 22 de abril de 1824. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/civil_03/constituicao/constituicao24.htm)>. Acesso em 17 de nov. 2022

BRASIL, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Retratos das desigualdades de gênero e raça**/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.[et al]-4ª Ed. Brasília.2009.39p:Il

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘**História e Cultura Afro-Brasileira**’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 02 de fev.2022.

CIDADE Negra. Intérprete: Toni Garrido. Música: **A Estrada.** Rio de Janeiro: Sony Music, 1998. (4:09 min.), P&B

COSTA, Fabíola Cristina Santos. **Relações étnico-raciais na educação infantil: O que dizem as crianças?** Orientador: Sandro Vinicius Sales dos Santos. 2015. 89 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto.** Tradução: Maria Carolina Nogueira Dias e Helena C. Chamilan. Rev. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, ago. 2006.

DIAS, Clímaco C. S. **Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador.** 2018. 286p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita.** In:ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras:teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’água.** Rio de Janeiro:Editora Pallas 2ª ed.2020

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. trad.Jess Oliveira. Rio de Janeiro.Ed.Cobodó, 2019

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GARRIDO, Toni, Bino, Lazão, Da Ghama. **A estrada**. Rio de Janeiro. Sony Music, 1998. Suporte 4:29

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Secretária de educação continuada, alfabetização e diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, 2005 – Coleção para todos. GOMES, Nilma Lino.

GOMES, N. L. **Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade**. Cadernos Pagu, n. 6-7, p. 67-82, 1995.

GOMES, N. L. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n. 21, p. 40- 51, 2005.

GOMES, D.D.O, CARNEIRO, E.M.C, MADEIRA, M.Z.A. **Mulheres negras, racismo estrutural e resistências**. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, UFES, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**, 10ª ed.- São Paulo: Ática, 2014

LORDE, Audre.**Poesia não é um luxo**. Traduzido por Tatiana Nascimento, novembro de 2012. dissonante@gmail.com / traduzidas.wordpress.com. Poetry is no luxury, no livro Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 36-39.

MINAS GERAIS. Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018. Estabelece a autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil - Umeis, transformando-as em Escolas Municipais de Educação Infantil - Emeis dá outras providências. **Diário Oficial do Município de Belo Horizonte**, Minas Gerais, 18 set. 2018.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. **Histórias de Ébano: professoras negras de educação infantil da cidade de São Paulo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.48.2012.tde-04072012-125319. Acesso em: 2022-08-22.

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. **Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras. Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-11092009-160324. Acesso em: 2023-01-12.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RIZZINI, Irma. **Pequenos trabalhadores do Brasil** In: DEL PRIORI, Mary (org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p.376-406

ROCHA, Ruth. **O amigo do rei**. São Paulo: Salamandra, 2009.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: Barsted, L.L. and Pitanguy, J., Org., **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010**, CEPIA, Rio de Janeiro (2011); ONU Mulheres, Brasília, 390-434.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Professores (as) negros (as) e relações raciais: percursos de formação e transformação**. Dissertação de Mestrado. UFMG: Belo Horizonte-MG, 2003.

SANTOS, Gláucia Romualdo dos. **Mulher não-branca e Magistério primário: uma versão em preto e branco da professorinha de azul e branco**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2000.

SANTOS, Rosilda Campelo dos. **Professoras negras: narrativas e memórias dos percursos escolares e de formação**. 2019. 109 f. Dissertação( Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SILVA, Daiana da. **Professoras Negras: Autoria e protagonismo na construção de práticas educativas anti-racistas e decoloniais na Educação Infantil**. Dissertação de Mestrado. UFRJ: Rio de Janeiro, 2020.

## ANEXOS

Belo Horizonte, 15 de maio de 2023

Caros leitores,

Venho por meio desta carta aberta apresentar alguns apontamentos sobre o que é registrado no banco de teses. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações -BDTD e o repositório da Fae-UFMG sobre narrativas de professoras negras que atuam na Educação Infantil. Foi perceptível a incipiência de trabalhos que dialogam com esta proposta de pesquisa. A limitação do estudo nestes dois bancos de dados deu-se por o BDTD abarcar dissertações e teses produzidas nacionalmente e o repositório da Fae- UFMG por me mostrar um panorama dos estudos que estão sendo produzidos na minha universidade de origem.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações comecei a busca utilizando os marcadores professoras negras e Educação Infantil onde encontrei 80 resultados. Porém, apenas quatro dissertações tem temas que se aproximam da pesquisa em questão. A dissertação de Oliveira (2009) intitulada *Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras. Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo*, que traz uma discussão sobre a construção identitária das professoras numa visão de identidade de resistência que faz da educação um meio de ascensão social que desmistifica uma suposta incapacidade intelectual de mulheres negras, a de Nunes (2012), intitulada *Histórias de ébano: professoras negras de educação infantil da cidade de São Paulo*, onde a partir das falas e compreensões das professoras ouvidas, a autora afirma a importância do magistério para as mulheres negras na atualidade, este sendo mais um lugar possível de atuação para as mesmas, “naturalmente” vinculadas a trabalhos vistos como inferiores na escala de prestígio social, a saber, empregadas domésticas ou lavadeiras. Esta pesquisa assinala a importância de, apesar de o racismo colaborar para o confinamento de mulheres negras em posições consideradas como subalternas em nossa sociedade, *tornar-se professora* de crianças pequenas, guarda outros significados, possíveis de serem entendidos somente quando mulheres negras falam sobre suas próprias vidas e suas ações pedagógicas. Encontrei também o trabalho de Daiana da Silva (2020), intitulado *Professoras Negras: Autoria e protagonismo na construção de práticas educativas anti-racistas e decoloniais na Educação Infantil*, que se aproxima pela preocupação das professoras em desenvolver e divulgar práticas antirracistas em seu fazer pedagógico e isto é uma influência de seus



reconhecimentos enquanto mulheres negras. Outra pesquisa encontrada é a de Rosilda Campelo dos Santos (2019), intitulada *Professoras negras: Narrativas e memórias de percursos escolares e de formação*, que aborda a trajetória profissional de professoras negras, mas não de professoras que atuam na educação infantil.

Quando coloquei no filtro professoras negras, educação infantil e escrevivências, nenhum resultado foi encontrado. Alterando o filtro para professoras negras, educação infantil e práxis pedagógica encontrei vinte e cinco resultados, que também não se aproximam do tema da pesquisa. Em nova busca por professoras negras, educação infantil e narrativas, encontrei 13 resultados, e por mais uma vez nenhuma se aproximava do tema da pesquisa. Quando utilizei professoras negras, educação infantil e história de vida, encontrei treze resultados, onde dois tem aproximação com a temática pesquisada e que são as duas pesquisas da busca inicial já mencionadas anteriormente.

Diante das lacunas nas discussões sobre narrativas de professoras que atuam na educação infantil, decidi começar uma busca no repositório da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG também em teses e dissertações. Optei por utilizar os mesmos filtros, iniciei por professoras negras e educação infantil, onde encontrei mil setecentos e oitenta e um títulos. Encontrei pesquisas que falam de histórias vida e trajetórias de professoras, como os estudos de Patrícia Maria de Souza Santana (2003) e Nilma Lino Gomes (1995), que tratam de questões identitárias de professores em outras modalidades de ensino, mas um trabalho que trata diretamente da trajetória de vida de professoras que atuam na educação infantil eu não encontrei.

Ao colocar o filtro professoras negras, educação infantil e escrevivências, encontrei dezessete títulos, porém nenhum se aproxima da temática em questão. Ao fazer a alteração do filtro para professoras negras, educação infantil e práxis pedagógica encontrei trezentos e setenta e um títulos, mas nenhum se aproxima. Ao mudar para professoras negras, educação infantil e prática pedagógica encontrei mil cento e doze resultados, e por mais uma vez nenhum com ligação direta ao tema. Quando se coloca o filtro professoras negras, educação infantil e narrativas encontrei mil duzentos e um resultados, onde nenhum tema tem uma ligação direta com o temática.

Diante destas buscas pude perceber que no repositório da Fae-UFMG há um número significativo de estudos relacionados à temática das relações étnico-raciais, formação de professores, trajetória de professores em diversos segmentos da educação básica. Mas também há uma lacuna com relação à trajetória de vida e de formação das professoras negras com atuação na Educação Infantil.

Perante estes apontamentos, trago algumas inquietações minhas aos leitores: Qual será o real motivo de haver lacunas com relação à trajetória de vida e de formação de professoras negras que atuam na educação infantil em trabalhos acadêmicos? Será que tem alguma questão política envolvida? A invisibilização é algo que ainda deve permear a vida de mulheres negras professoras?

Deixo essas indagações como reflexão aos leitores, pois os resultados que eu obtive na pesquisa desenvolvida, mostram que as narrativas de professoras sobre suas trajetórias de vida servem de inspiração para um trabalho pedagógico focado em uma educação onde a diversidade e a identidade negra seja valorizada e percebida como algo positivo para as crianças.

Maricelia da Silva Palhares



PREFEITURA MUNICIPAL  
DE BELO HORIZONTE

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO  
APPIA: UM OLHAR PARA A INFÂNCIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL  
GERÊNCIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

BELO HORIZONTE, 15 DE JUNHO DE 2022.

**TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE  
BELO HORIZONTE (RME-BH)**

A pesquisadora Maricelia da Silva Palhares, orientada pela professora Dra. Maria Carolina da Silva Caldeira, apresentou à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (Smed) a proposta de Pesquisa intitulada **Escrevintes: Memórias Formativas de Professoras Negras da Educação Infantil**, a ser realizada com professoras em Escola(s) Municipal(is) de Belo Horizonte. Após a análise do Projeto pelo Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, Appia: um olhar para a infância, Diretoria de Educação Inclusiva e Diversidade Étnico Racial e Gerência das Relações Étnico-Raciais, a Smed declara estar ciente e de acordo com a realização desta pesquisa, após aprovação pelo Comitê de Ética ao qual o estudo foi submetido.

Entretanto, ressaltamos a necessidade da responsável pelo projeto fazer contatos prévios com a direção da escola, apresentar a proposta de metodologia e necessidades do projeto; verificar os(as) profissionais que se mostrem interessados(as) e disponíveis a colaborar com o mesmo; respeitar aqueles(as) que optarem por não participar; respeitar a confidencialidade dos dados, de modo a não expor a escola, profissionais, crianças e seus responsáveis.

Caroline Mendes de Oliveira  
Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da  
Educação

Bernadete Quirino Duarte Blaess  
Diretoria de Educação Inclusiva e Diversidade  
Étnico Racial

Vânia Gomes Michel Machado  
APPIA: Um Olhar para a Infância

Mara Catarina Evaristo  
Gerência das Relações Étnico-Raciais

Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED)  
Rua Carangola, 288 - 7º andar - sala 721 - Bairro Santo Antônio - 30.330-240 - Belo Horizonte - MG 3277-6055 -  
cape.smed@pbh.gov.br



PREFEITURA MUNICIPAL  
DE BELO HORIZONTE

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO  
APPIA: UM OLHAR PARA A INFÂNCIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL  
GERÊNCIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

BELO HORIZONTE, 15 DE JUNHO DE 2022

**CARTA DE APRESENTAÇÃO DO(A) PESQUISADOR(A)**

A/C Exmo.(a)  
Sr(a).  
Diretor(a) de Escola Municipal

A mestranda Maricélia da Silva Palhares, orientada pela professora Dra. Maria Carolina da Silva Caldeira, apresentou à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (Smed) a proposta de Pesquisa intitulada **Escrevientes: Memórias Formativas de Professoras Negras da Educação Infantil**, a ser realizada com professoras em Escola(s) Municipal(is) de Belo Horizonte. Após a análise do Projeto pelo Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, Appia: um olhar para a infância, Diretoria de Educação Inclusiva e Diversidade Étnico Racial e Gerência das Relações Étnico-Raciais, a Smed declara estar ciente e de acordo com a realização desta pesquisa, após aprovação pelo Comitê de Ética ao qual o estudo foi submetido.

Entretanto, ressaltamos a necessidade da responsável pelo projeto fazer contatos prévios com a direção da escola, apresentar a proposta de metodologia e necessidades do projeto; verificar os(as) profissionais que se mostrem interessados(as) e disponíveis a colaborar com o mesmo; respeitar aqueles(as) que optarem por não participar; respeitar a confidencialidade dos dados, de modo a não expor a escola, profissionais, crianças e seus responsáveis.

Solicitamos ao(à) diretor(a) receber, apresentar a mestranda e a proposta aos profissionais, orientar, acompanhar e viabilizar o acesso consentido.

Agradecemos desde já sua atenção e encaminhamentos,

Atenciosamente,

Caroline Mendes de Oliveira  
Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da  
Educação

Bernadete Quirino Duarte Blaess  
Diretoria de Educação Inclusiva e Diversidade  
Étnico Racial

Vânia Gomes Michel Machado  
APPIA: Um Olhar para a Infância

Mara Catarina Evaristo  
Gerência das Relações Étnico-Raciais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ESCRIVENTES: MEMÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Pesquisador:** Silvania Sousa do Nascimento

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 60593722.4.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** Universidade Federal de Minas Gerais

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.758.420

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa propõe analisar e compreender, por meio de narrativas, a trajetória de mulheres negras professoras que atuam na Educação Infantil até o processo de constituição de sua identidade profissional. Para compreender esse processo, as professoras-mulheres-negras participantes atuam em uma Escola Municipal de Educação Infantil do município de Belo Horizonte-MG, na regional Barreiro, que se identificam como negras. Sendo, no máximo, 12 participantes, essas mulheres-negras-professoras convidadas participarão como colaboradoras da pesquisa e co-escritoras de reflexões sobre a prática pedagógica relacionada à diversidade étnico-racial. Projeto de natureza qualitativa em que serão utilizadas metodologias de produção de narrativas, priorizando-se o ateliê biográfico de projetos de Delory-Momberger (2006) como encaminhamento metodológico inicial da pesquisa, que propõe a organização dos encontros e produção de escritos autobiográficos e escritas por parte das participantes da pesquisa. O material produzido em cada encontro será analisado por meio da análise de discurso categorial temática.

#### Objetivo da Pesquisa:

Analisar e compreender por meio de narrativas autobiográficas as trajetórias de mulheres negras professoras.

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.758.420

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:** Prevê-se que o estudo envolve riscos mínimos, uma vez que as ações irão implicar em interação não violenta de um grupo de mulheres pardas e negras maiores de idade em uma interação consensual. Assegura-se que não haverá manipulação retórica, física ou medicamentosa nos encontros programados com antecedência e de participação voluntária. Não são descritos explicitamente os riscos, ainda que mínimos e, tampouco, de modo mais objetivo os procedimentos para minimizá-los.

**Benefícios:** Os resultados da pesquisa poderão contribuir para o meio acadêmico, pois levará a pensar quais são os aspectos subjetivos que as mulheres negras passam na formação para serem professoras da Educação Infantil e, ainda, a perceber de que forma esta subjetividade pode estar atrelada ao seu percurso profissional embarcando as práticas pedagógicas curriculares antirracistas. Junto a isso, visualiza-se o mesmo como um potencial colaborador para a criação de indicadores do percurso profissional de mulheres negras professoras e ter a escrevivência como um método de pesquisa. Por fim, espera-se oportunizar as mulheres-negras-professoras o benefício do aprendizado da escrita narrativa que poderá servir de ferramenta de auto conhecimento e de gestão de situações formativas em uma abordagem Étnico-Racial.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante para a área de Educação com previsão de término em 31/08/2023.

As solicitações do COEP foram atendidas: 1) No TCLE, foi melhor explicitado que o participante poderá autorizar a perda de anonimato com consentimento específico para este risco; 2) Foi esclarecido a metodologia no TCLE para garantir o entendimento do envolvimento na pesquisa (local, duração, tempo, quantitativo, questões norteadoras abordadas); 3) Foi explicitado, descritivamente, no projeto, os riscos, ainda que mínimos, bem como, as medidas tomadas para minimizá-los e/ou como abordá-los, em caso de ocorrência, conforme é feito no TCLE; 4) Foi incluído, no TCLE, o local onde os dados serão armazenados; 5) Foi incluído, no TCLE, espaço para rubricas nas páginas em que não há assinatura; 6) Foi incluído o roteiro de entrevistas e questões norteadoras dos grupos focais no projeto e no TCLE

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram entregues os seguintes documentos:

- Folha de rosto preenchida e assinada;
- Autorização da direção da Faculdade de Educação, assinada, na folha de rosto;
- Aprovação de Parecer consubstanciado, pela Câmara Departamental do Departamento de

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.756.420

**Métodos e Técnicas de Ensino, da Faculdade de Educação da UFMG:**

- Projeto Completo
- TCLE apresentado como carta convite, resguardando a confidencialidade dos dados, o anonimato, o direito à recusa e desistir do projeto a qualquer momento sem qualquer prejuízo. Foi informado sobre a metodologia, o objetivo e o armazenamento de 05 anos dos dados, salvaguardando a sua consulta, e onde os dados serão guardados. Esclarece que não haverá qualquer forma de pagamento, mas disponibiliza apoio em caso de gerar algum risco à integridade física, mental ou de qualquer outra natureza ao participante. Consentimento para registro de áudio, vídeo, imagens. Dados do pesquisador e do COEP relatados;
- Carta de apresentação da pesquisadora à instituição escolar;
- Termo de anuência para realização de pesquisa na rede de ensino municipal de educação de Belo Horizonte, devidamente assinado.

**Recomendações:**

Recomenda-se a aprovação do projeto de pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Somos favoráveis à aprovação do projeto "ESCREVIVENTES: MEMÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL" da pesquisadora responsável Profa. Dra. Silvania Sousa do Nascimento.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1948209.pdf	20/09/2022 16:47:24		Aceito
Outros	carta.pdf	20/09/2022	MARICELIA DA	Aceito

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.758.420

Outros	carta.pdf	16:46:35	SILVA PALHARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/09/2022 16:43:22	MARICELIA DA SILVA PALHARES	Aceito
Parecer Anterior	PARECER.pdf	11/07/2022 17:01:11	MARICELIA DA SILVA PALHARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	11/07/2022 16:55:25	MARICELIA DA SILVA PALHARES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	04/07/2022 12:44:52	MARICELIA DA SILVA PALHARES	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	04/07/2022 10:43:44	MARICELIA DA SILVA PALHARES	Aceito
Declaração de concordância	termo.pdf	27/06/2022 20:43:52	MARICELIA DA SILVA PALHARES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 16 de Novembro de 2022

---

**Assinado por:**  
**Crissia Carem Paiva Fontainha**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br



**Anexo 05 - TCLE(Termo de consentimento livre e esclarecido)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA  
NA ÁREA DE EDUCAÇÃO**

**Título do Projeto:**Escreviventes: Memórias formativas de professoras negras da Educação Infantil

**Pesquisadores responsáveis:**ProfªDrª Maria Carolina da Silva Caldeira e Profª DrªSilvania Sousa do Nascimento

**e-mail's:** [marincarolinasilva@hotmail.com](mailto:marincarolinasilva@hotmail.com) / [silvianascimento@ufmg.br](mailto:silvianascimento@ufmg.br) / fone: 3409-6207

**Pesquisador participante:** Maricelia da Silva Palhares

**e-mail:** [mariceliapalharescosmo@yahoo.com.br](mailto:mariceliapalharescosmo@yahoo.com.br) / (31)98956-4101

A Sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “Escreviventes: Memórias formativas de professoras negras da Educação Infantil”. Neste estudo pretendemos analisar e compreender por meio de narrativas autobiográficas trajetórias de mulheres negras professoras. O estudo consiste na coleta de narrativas autobiográficas (escrevivências) durante seis encontros ao longo de um semestre letivo. A produção textual será conduzida pela pesquisadora e será preservado o anonimato dos participantes. Os resultados deste estudo pretendem compreender os modos de pensar sobre os aspectos subjetivos que as mulheres negras professoras passam na formação para serem professoras da educação Infantil.

O objetivo desta pesquisa, apontado acima, se torna relevante e necessário especialmente pelo fato de que estudos e relatórios de pesquisas sinalizam a precariedade de trabalhos acadêmicos sobre este tema, de modo que torna-se importante investigar os processos subjetivos destas professoras ao longo de suas trajetórias de formação produzidos na relação de si para consigo, e externos nas relações de si para com os outros, procurando descrever e registrar a singularidade de cada processo de resistência, (re)existência e liberdade, frente às narrativas feitas por elas, objeto analítico desta pesquisa.

Para a realização deste estudo adotaremos os seguintes procedimentos: Entrevistas narrativas com as professoras com registro escrito das informações e as demais observações feitas pelo pesquisador anotadas em caderno de campo. No que diz respeito a sua participação nesta pesquisa, você não terá nenhum custo como também não obterá qualquer vantagem financeira. A qualquer momento no curso do estudo, você poderá solicitar explicações de qualquer âmbito e também ficará livre para não participar ou mesmo interromper sua participação. Portanto, enfatizamos que o seu envolvimento é de livre vontade, de caráter voluntário e que, assim sendo, a sua recusa na participação desta pesquisa não implicará de modo algum em qualquer tipo de dano moral, penalidade ou distorção de sentido do pesquisador.

Também ressaltamos que os materiais que vierem a ser produzidos durante as etapas da dissertação como arquivos de armazenamento digital e analógico, notas de diário de campo, entre outros desta espécie, serão destinados ao uso exclusivo para fins de divulgação científica e produção do conhecimento. Esses produtos serão corretamente armazenados, durante o período de cinco anos e, após tal intervalo serão destruídos.

O pesquisador também lidará com a questão de sua identidade e da dos demais sujeitos participantes segundo os padrões éticos e profissionais, levando em conta o sigilo respeitoso e em hipótese alguma a participante será identificada em qualquer publicação que possa resultar desse estudo, a não ser com sua livre vontade por meio de solicitação explícita que vier a ser feita durante as possíveis narrativas.

Destacamos ainda que os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando ela for finalizada. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, com espaços destinado para rubricas e que o COEP poderá ser contatado em caso de dúvidas

éticas sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Enfatizamos, por fim, o caráter ético e científico desta pesquisa, considerando que os riscos desta afetar negativamente qualquer sujeito participante são mínimos. Ainda assim, o pesquisador reconhece a possibilidade de serem gerados constrangimentos para os sujeitos envolvidos, por ocasião do momento em que se encontrarem, seja em sua disposição emocional e/ou física para a participação ou ainda por algum outro motivo que venha a surgir no momento dos encontros.

Os riscos podem ser:

1 - De ordem psicológica, pois há a possibilidade de constrangimento ao narrarem as experiências vivenciadas causando desconforto, estresses e ansiedade por medo da quebra do sigilo e anonimato.

2 - de ordem emocional, pois podem ocorrer desencadeamentos de lembranças de experiências marcantes emocionalmente e que ainda provocam fortes emoções.

3 - De ordem física orgânica através da ocorrência de um desconforto físico gerada por um cansaço durante as escritas.

As medidas preventivas a serem tomadas em relação aos riscos são:

1 - Psicológicos - Leitura do TCLE, privacidade: as narrativas serão confidenciais, sendo garantido o anonimato e qualquer indício que possa levar a identificação da participante.

2 - Emocional - A escrita da narrativa poderá ser interrompida a qualquer momento, a participação é voluntária sendo possível a saída da pesquisa a qualquer momento e a garantia de assistência psicológica em caso de extrema necessidade.

3- Ordem física- Realização dos encontros em um local apropriado, confortável, silencioso, podendo ser interrompido a qualquer momento dando continuidade em outro momento sempre preservando o bem estar físico, psicológico e emocional das participantes.

Assim sendo, reiteramos o compromisso desta proposta com a garantia de liberdade de participação e demais medidas preventivas que resguardem você e os outros seres humanos envolvidos com esta pesquisa dos possíveis riscos de prejuízo psicológico, emocional ou físico Mas, caso haja danos decorrentes da pesquisa, o pesquisador assumirá total responsabilidade pelos mesmos.

Eu, \_\_\_\_\_,  
portadora do documento de identidade \_\_\_\_\_,  
Telefone \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos da pesquisa "Escrevientes: Memórias formativas de professoras negras da Educação Infantil", de maneira nítida e detalhada, tendo sanado minhas dúvidas. Estou ciente de que a qualquer momento poderei solicitar novas explicações e modificar minha decisão sobre a participação ou não no estudo.

Declaro que concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa. Declaro que li e entendi todo o conteúdo deste documento. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a possibilidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

---

Assinatura do participante

**Pesquisadores:** Eu garanto que este procedimento de consentimento foi seguido e que eu respondi quaisquer questões que o participante colocou da melhor maneira possível.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

---

Assinatura da Orientadora da Pesquisa  
Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Maria Carolina da Silva Caldeira- FaE-UFMG

---

Assinatura da Co-orientadora da Pesquisa  
Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Sylvania Sousa do Nascimento- FaE-UFMG

---

Assinatura do Pesquisador Co-responsável  
Maricelia da Silva Palhares

Em caso de dúvida com relação a pesquisa e/ou outros aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: Maricelia da Silva Palhares (Pesquisadora – Mestranda).  
Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação – UFMG; Programa de Pós-Graduação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP.31270-901;  
e-mail: [mariceliapalharescosmo@yahoo.com.br](mailto:mariceliapalharescosmo@yahoo.com.br) ; telefone: (31) 98956-4101

Esta pesquisa é orientada pela Professora Dr<sup>a</sup> Maria Carolina Silva Caldeira. E-mail [mariacarolinasilva@hotmail.com](mailto:mariacarolinasilva@hotmail.com) e co-orientada pela Professora Dr<sup>a</sup> Sylvania Sousa do Nascimento. E-mail: [silnascimento@ufmg.br](mailto:silnascimento@ufmg.br)

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa – Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II – segundo andar- sala 2005; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP. 31270-901; E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br); Telefone (31) 3409-4592

## Anexo 06 - Sondagem de auto identificação

03/06/2023, 12:07

Sondagem de auto identificação

### Sondagem de auto identificação

Este formulário tem o objetivo de identificar possíveis sujeitos para uma pesquisa de Mestrado

1. E-mail \*

---

2. Nome completo

---

3. Como você se identifica no quesito raça/cor

*Marcar apenas uma oval.*

Branca

Preta

Parda

Amarela

Indígena

Outro: 

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários